

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção

Regina Elisabeth Araujo Goes de Medeiros

**O RÁDIO AM COMO MEIO DE EDUCAÇÃO PARA O ALEITAMENTO
MATERNO**

Dissertação de Mestrado

Florianópolis

2003

Regina Elisabeth Araujo Goes de Medeiros

O RÁDIO AM COMO MEIO DE EDUCAÇÃO PARA O ALEITAMENTO MATERNO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Engenharia de Produção.

Orientadora: Professora Édis Mafra Lapolli, Dr.^a

Florianópolis

2003

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

Medeiros, Regina Elisabeth Araujo Goes de
M44r O rádio AM como meio de educação para o aleitamento
materno / Regina Elisabeth Araujo Goes de Medeiros. – Feira de
Santana –Ba : [s.n.], 2002.
f. 81: il.

Orientadora : Édis Mafra Lapolli

Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) –
Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Estadual
de Feira de Santana.

1. Aleitamento materno. 2. Educação à saúde – Rádio. I.
Lapolli, Édis Mafra. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
III. Universidade Estadual de Feira de Santana. IV. Título.

CDU: 613.221:659.145

Regina Elisabeth Araujo Goes de Medeiros

O RÁDIO AM COMO MEIO DE EDUCAÇÃO PARA O ALEITAMENTO MATERNO

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do grau de Mestre em Engenharia de Produção no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 25 de junho de 2003.

Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr.
Coordenador do Programa

BANCA EXAMINADORA

Prof. Edis Mafra Lapolli, Dr.^a
Orientadora

Prof. Luiz Ricardo Uriarte, M. Eng.
Tutor de Orientação

Prof. Ana Maria B. Franzoni, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Sônia Maria Pereira, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Agradeço ao grandioso Deus, pois sem Ele, sem a vida que
Ele nos deu, jamais estaria aqui.

Agradeço a Deus pelos desafios, obstáculos, emoções, vitórias e conquistas,
pelas decepções e problemas que fez esta vitória mais doce.

Agradeço ao meu eterno Pai que me possibilitou através da Fé continuar a árdua
caminhada da vida em busca dos meus objetivos; porque foi meu amigo, porque me
levantou nas horas em que eu caí, porque esteve sempre ao meu lado,
exatamente quando mais precisei.

Obrigada, Senhor, pelo dom de pensar, pela felicidade de existir,
pelo privilégio de ser tua filha.

Ao Deus que me fez enxergar mais longe
e me apoiou em seus ombros de gigante dedico este trabalho.

Agradecimentos

Para que este trabalho fosse possível contei com a colaboração de muitas pessoas, amigos que se fizeram presentes em todos os passos da minha caminhada, cheia de espinhos e tropeços surgidos no seu curso. Impossível agradecer a todos, entretanto não posso deixar de mencionar alguns destes, sabendo que corro o risco de esquecer alguns.

À Professora Dr.^a Édis Mafra Lapolli, minha orientadora, exemplo de que postura competente e criteriosa podem estar revestidas de solidariedade. Grata pelo carinho, estimulando as minhas possibilidades.

Ao Professor Luiz Ricardo Uriarte pela compreensão e parceria.

Agradecimento muito especial à Professora Dr.^a Maria Ângela Alves do Nascimento, minha amiga, minha força e porto seguro que sempre achei em todos os dias de minha vida. Anjo de bondade, dedicação, carinho e competência que o Senhor presenteou a minha vida. Minha gratidão eterna e admiração. As palavras ficam sem sentido para expressar o meu reconhecimento pelo apoio nas horas mais difíceis que não foram poucas.

Às minhas filhas, Débora e Bárbara, minhas grandes parceiras, agradeço pelo afeto, estímulo e por acreditar que tudo daria certo. Vocês são o melhor da minha vida. Este trabalho é de vocês.

À minha mãe Consuelo Carvalho Goes, minha menina de 90 anos, mesmo sem nada entender, me transmitiu paciência, perseverança e amor à vida e agora onde quer que esteja, torce pelo êxito deste trabalho.

À minhas amigas Jacira Leal dos Santos e Maria da Conceição Lopes Carvalho que me fizeram acreditar e ver as possibilidades, sempre presentes na minha vida pessoal e profissional; obrigada, com vocês tenho aprendido os diversos significados da palavra amizade.

À minha amiga Naisa Santana e Santana Costa, pela força, carinho acessibilidade, sempre pronta a ajudar nas diferentes fases da construção deste trabalho e da vida.

À Rosângela Queiroz, carinho e amizade sincera.

Às amigas e colegas Maria Lúcia Silva Servo e Liege Silva Silva Servo. Obrigada por ter sonhado com este mestrado e por terem torcido para que desse certo.

À Flávia Da Nova Uriarte, que não conheço pessoalmente, mas sempre esteve presente quando necessitei. A distância foi pequena para tanta atenção e disponibilidade.

À Tatiane Sátiro Gomes e Gilcélia Pires pelo carinho e estímulo constante.

Aos colegas de mestrado, os quais me apontaram na primeira disciplina qual seria meu objeto de estudo, obrigada pela convivência agradável no decorrer do curso. Foi bom estar com vocês.

Ao HIPS e HGCA na figura de seus trabalhadores de saúde, agradeço pela colaboração na coleta de dados.

À Professora Vânia Gusmão da Silva Miranda pelo profissionalismo com que tratou este trabalho.

“Pequena caixinha que carreguei quando em fuga, para que suas válvulas não pifassem, que levei de casa para o navio e o trem. Para que os meus inimigos continuassem a falar-me perto de minha cama, e para minha angústia, as últimas palavras da noite e as primeiras da manhã.

Sobre as suas vitórias e sobre meus problemas, prometa-me não ficar mudo de repente.”

Bertold Brecht

Resumo

MEDEIROS, Regina Elisabeth Araújo Goes. **O rádio AM como meio de educação para o aleitamento materno**. 2003. 81f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

Dada a necessidade de educar mulheres da comunidade rural a respeito do aleitamento materno, surge a proposta de utilização do rádio para abordagem deste tema. Este estudo tem como objetivo geral elaborar uma proposta de intervenção na educação em saúde por intermédio do rádio, utilizando a participação de mães experientes e Agentes Comunitários de Saúde das comunidades rurais de Feira de Santana / BA, Brasil. Optou-se pela abordagem qualitativa, utilizando-se a entrevista. A população estudada compõe-se de dezesseis puérperas egressas da zona rural. Na análise dos dados, utilizou-se o método de Análise de Conteúdo. Evidenciou-se o difícil acesso aos Serviços de Saúde e às fontes de informação sobre aleitamento materno e seus benefícios por parte da população feminina rural.

Palavras-chave: aleitamento, educação, rádio, mulheres, rural.

Abstract

MEDEIROS, Regina Elisabeth Araújo Goes. **O rádio AM como meio de educação para o aleitamento materno**. 2003. 81f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

This study focuses on using the radio as an instrument for promoting breastfeeding education. Its general goal is to promote intervention of health education through the radio, having the participation of experienced mothers and Community Health Agents from rural areas in Feira de Santana / BA, Brazil. The qualitative approach was chosen and interviews. The observed population has sixteen recent mothers from the countryside. To analyze the data, the method used is known as Content Analyses. It was show how hard it is to have access to the Health Service and to information sources about this issue. This situation has contributed for the women population in the countryside little knowledge about breastfeeding and its benefits.

Key-words: breastfeeding, education, radio, women, rural.

Sumário

Lista de Quadros	11
Lista de Tabelas	12
1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Contextualização	13
1.2 Justificativa e Importância do Trabalho	15
1.2.1 O rádio como fonte de divulgação do aleitamento materno	15
1.2.2 A importância do rádio como meio de divulgação de massa em particular o aleitamento materno	16
1.3 Objetivos do Trabalho	18
1.3.1 Objetivo geral	18
1.3.2 Objetivos específicos	19
2 O ALEITAMENTO MATERNO	20
2.1 A Amamentação	20
2.2 Benefícios do Leite Materno	20
2.3 A Representação Social do Leite Materno Através da História	21
2.4 Anatomia da Mama Madura e Fisiologia da Lactação	22
2.5 Promoção do Aleitamento Materno no Pré-natal, Parto e Nascimento	23
2.6 Uso de Drogas na Gravidez e Lactação	27
3 O RÁDIO	28
3.1 A História do Rádio.....	28
3.1.1 Situação da radiodifusão atual	45
3.2 O Rádio AM como Instrumento de Educação para o Aleitamento Materno	50
4 METODOLOGIA	53
4.1 Tipo de Estudo	53
4.2 Campo de Investigação	53
4.3 Técnica de Coleta de Dados – Entrevista	57
4.4 População Estudada	58
4.5 Análise dos Dados.....	60
4.5.1 Ordenação dos dados	60
4.5.2 Classificação dos dados	61
4.5.3 Análise final de dados	61

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	62
5.1 Conhecimento das Puérperas Sobre Aleitamento Materno	62
5.2 Benefícios do Aleitamento Materno	63
5.3 Fontes de Conhecimento Adquirido Sobre o Aleitamento Materno	65
5.3.1 Um novo olhar para a promoção do aleitamento materno – o rádio AM.	65
6 UTILIZAÇÃO DO RÁDIO AM COMO MEIO DE EDUCAÇÃO	70
7 CONCLUSÃO E SUGESTÕES PARA FUTUROS TRABALHOS	75
7.1 Conclusão	75
7.2 Sugestões para Trabalhos Futuros	75
8 REFERÊNCIAS	77

Lista de quadros

Quadro 1: Caracterização da Rádio de Alta Estimulação e Rádio de Baixa Estimulação	44
Quadro 2: Perfil das puérperas entrevistadas	59

Lista de tabelas

Tabela 1: Classificação do Brasil no quadro mundial	46
Tabela 2: Condições de emissoras de rádio no Brasil / 1980	47
Tabela 3: Distribuição de emissoras AM por região no Brasil	48
Tabela 4: Distribuição de emissoras FM por região no Brasil	48
Tabela 5: Situação do Brasil no mercado mundial de aparelhos de rádio	49

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

O Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia, por intermédio dos grupos materno-infantil (áreas obstetrícia e pediatria) e saúde pública, vem desenvolvendo ações valorizando e resgatando o aleitamento materno, tendo inclusive, participado da criação do primeiro Banco de Leite Humano do Estado no Hospital Geral Clériston Andrade, no município de Feira de Santana – Bahia.

O declínio da amamentação, segundo Rego (2001), mostrou-se evidente na primeira metade do século XX, com o término da Segunda Guerra Mundial, a chegada da industrialização, avanços nas redes de frios e laticínios e a propaganda do aleitamento artificial, muitas vezes, relacionada com documentos e produtos cuja clientela seriam gestantes, puérperas e lactantes. Nesta época, conhecia-se muito pouco sobre a importância do cadastro e seu desempenho imunológico. À amamentação eram atribuídos só qualidades e benefícios psicológicos e emocionais para a mãe e o filho.

Segundo jornais da época, como o Jornal do Comércio (São Paulo, 21 de outubro de 1841), apud Rego (2001), nos casos em que a criança tivesse necessidade do leite humano, por alergia ao leite de vaca, recorria-se à ama-de-leite, prática bastante disseminada nos séculos XVIII e XIX, e primeiras décadas do século XX. Era uma prática comum que as senhoras de classes elitizadas usassem as amas-de-leite, ou mães-pretas, como suas substitutas na amamentação, experiência rara nas classes menos abastadas. Particularmente no século XIX, eram oferecidas, para alugar ou vender, mulheres negras com filhos pequenos para serem usadas como mães-de-leite.

A substituição do aleitamento materno pelo artificial, de acordo com Rego (2001), remete às seguintes cifras:

- 86.000 toneladas de alumínio são consumidas na fabricação de 500 milhões de latas de leite descartáveis (quantidade consumida só nos EUA);
- 1.230 toneladas de papel gastos para rotular as latas de leite;

- um bebê em uso de mamadeira gasta, em média, três litros de água por dia (preparação e higienização);
- cada vaca necessita de cerca de 10.000 m² de pasto / ano, o que significa desmatar, causar erosão e exaustão do solo; redução da fauna e da floresta;
- cada família brasileira gasta $\frac{2}{3}$ do salário mínimo para amamentar seu próprio filho.¹

Nesta perspectiva, acredita-se que urge adotar estratégias capazes de resgatar a questão do aleitamento materno para combater a morbimortalidade e outras, geradas pelo declínio ou substituição do mesmo. Faz-se necessário constituir uma cultura de educação em relação à saúde, levando as mulheres, particularmente da zona rural, a se sensibilizarem para a importância do aleitamento materno.

Segundo Berg (1989), a desnutrição é vista como questão social, à medida em que o êxodo rural e a criação de famílias nucleares, nos últimos vinte anos, vêm contribuindo para o declínio do aleitamento materno no Brasil.

Em contrapartida, na Bahia, particularmente em Feira de Santana, o rádio vem procurando sensibilizar as mães para a importância do aleitamento materno, no sentido de minimizar este problema, apesar de se perceber que outros fatores também são essenciais para reverter a questão da desnutrição.

Tem sido importante a luta em prol do aleitamento materno, desenvolvendo-se medidas de proteção e apoio à amamentação, bem como sua promoção através das ondas AM do rádio. Devido ao seu baixo custo, ele é acessível às classes sociais mais baixas e está presente em 89,6% dos lares do nosso país²: No município de Feira de Santana – Bahia, onde 80% da população ouve rádio³, este poderá ser um meio de comunicação importante, até no meio rural, não só para informar, mas também para educar visando melhorar a saúde.

Ao se adotar uma postura em defesa do aleitamento materno e, conseqüentemente, em defesa da vida, acredita-se que o rádio ajudará a chegarem informações em locais os mais longínquos e de difícil acesso, levando educação com relação à saúde e diminuindo não só a mortalidade, como também a morbidade materna e infantil.

¹ Boletim Nacional da Iniciativa Hospital Amigo da Criança, nº 16, julho / agosto / setembro, 1996.

² Jornal A TARDE, Salvador – Bahia, janeiro de 2002, pesquisa da ANATEL.

³ Pesquisa realizada pela Rádio Sociedade AM, Feira de Santana – Bahia, julho de 2001.

1.2 Justificativa e Importância do Trabalho

1.2.1 O rádio como fonte de divulgação do aleitamento materno

O decênio de trinta foi importante para que o rádio se definisse em seus caminhos e encontrasse o seu rumo na fase seguinte, acompanhado e auxiliando o desenvolvimento nacional como um todo. “O impacto do rádio sobre a sociedade brasileira a partir de meados da década de 30 foi muito mais profundo do que aquele que a televisão viria a produzir trinta anos depois. De certa forma, o jornalismo impresso, ainda erudito, tinha apenas relativa eficácia (a grande maioria da população nacional era analfabeta). O rádio comercial e a popularização do veículo implicaram a criação de um elo entre o indivíduo e a coletividade, mostrando-se capaz não apenas de vender produtos e ditar ‘modas’, como também de mobilizar massas, levando-as a uma participação ativa na vida nacional. Os progressos da industrialização ampliavam o mercado consumidor, criando as condições para a padronização de gostos, crenças e valores. As classes médias urbanas (principal público ouvinte do rádio) passariam a se considerar parte integrante do universo simbólico representado pela nação. Pelo rádio, o indivíduo encontra a nação, de forma idílica: não a nação ela própria, mas a imagem que dela se está formando.” (MIRANDA).

De amplo conhecimento e fato notório, os programas de rádio difusão (AM) exercem influência sobre os hábitos e comportamentos da população.

Prestando informações fidedignas e coerentes, o rádio costuma agir como elemento educativo, facilitador das ações de saúde e aglutinador de interesses das comunidades. (GALLO, 2001).

Portanto, em plena era das tecnologias mais avançadas, dos satélites, videocassetes, videotexto, videodisco, o rádio reforça, cada vez mais, a sua posição de maior veículo de comunicação popular das regiões em desenvolvimento, graças às suas características, como instantaneidade nas informações, a utilização de linguagem intimista (o rádio fala mais ao “pé do ouvido”), a abertura à imaginação, além do baixo custo operacional.

Do ponto de vista da audiência, o rádio transpõe a barreira do analfabetismo, da falta de energia elétrica (rádios de pilha), do baixo poder aquisitivo – pois o aparelho

receptor custa barato – e desempenha o papel solitário de informador e formador da opinião pública em regiões onde é escasso o acesso a outros meios de comunicação, além de ser considerado, por diversos autores, como o instrumento ideal para ajudar a promover o desenvolvimento, por proporcionar um contato mais imediato entre os centros de decisões e a grande massa da população urbana e rural. (GALLO, 2001).

1.2.2 A importância do rádio como meio de divulgação de massa: em particular o aleitamento materno

Segundo o PROAMA⁴, a lactação é uma característica única dos mamíferos, sendo capaz de proporcionar o alimento ideal e mais seguro para suas crias em qualquer estação do ano, com vantagens crescentes sobre outras espécies. Até mesmo onde o acesso a alimentos é abundante, a amamentação é a maneira mais completa de cobrir as necessidades dos recém-natos e lactentes, destacando-se as características lácteas descritas abaixo, citadas pelo referido programa. (PROAMA, 1992).

- Adequado às necessidades fisiológicas e psicológicas do lactente.
- Único alimento adaptado às necessidades nutricionais da criança, sendo superior a qualquer substituto elaborado por cientistas da nutrição.
- Contém vitaminas, sais minerais, gordura, açúcar, proteínas apropriadas para o organismo do bebê.
- Apropriado para o crescimento e desenvolvimento da criança.
- Alimento ideal das crianças nascidas normais.
- Indispensável no primeiro trimestre de vida, conveniente no segundo e útil no terceiro.
- Grande arma para combater a morbidade e mortalidade infantil.
- Alimento que transmite ao bebê as defesas necessárias contra infecções – contém substâncias protetoras contra a gripe, alergias, dentre outras afecções.

⁴ Programa de Amamentação da Pontifícia Universidade Católica de Curitiba – Paraná, 1992.

- Alimento limpo e pronto. A criança amamentada está livre de riscos associados à alimentação artificial: desnutrição, desidratação, gastroenterites, obesidade, transtornos alérgicos e outros.
- Contribui para a adaptação imunológica à vida extra-uterina.
- O bebê sendo amamentado com o leite materno é mais alegre, apresenta curva ponderal ascendente, temperatura corporal uniforme e sono tranquilo; as cólicas, a regurgitação e as alergias são menores; tem bom humor; o panículo adiposo tem desenvolvimento mais perfeito. A pele é mais brilhante, sedosa e rósea, e com um turgor mais firme. Os olhos são brilhantes.
- A mãe que amamenta sente-se realizada como mulher.
- A mãe estabelece relação profunda de afeto e dependência com seu bebê.
- Os filhos, vendo sua mãe amamentar, recebem uma lição natural de responsabilidade.
- A amamentação do bebê beneficia o pai porque vê sua mulher mais feminina, estimula o interesse sexual da mulher; é menos oneroso para o orçamento familiar.
- Para a mãe, o útero volta ao normal; o peso normaliza; além do mais, quanto mais o bebê mama, mais leite produz.
- O leite materno possui benefícios somáticos. Cura e protege contra a conjuntivite, otite, gastroenterite, dermatite amoniacal.

O alimento materno é tema que, até bem pouco tempo, foi negligenciado pela pesquisa científica. Tal afirmação se baseia na experiência vivenciada em 1986 pelos docentes e discentes da área materno-infantil do curso de Enfermagem da UEFS, particularmente por uma das docentes da referida área ao amamentar sua própria filha após parto cesariano. Com deiscência⁵ total de sutura no local da incisão, passou por problemas de depressão pós-parto e fez uso de terapia medicamentosa durante o puerpério imediato, mediato e tardio (em torno de quarenta e cinco dias). Vindo o seu leite a tornar-se escasso, tal fato levou-a a procurar revistas e livros sobre o tema, assim como profissionais especializados na área do aleitamento materno, não encontrando quase nada, nem especialista em sua cidade e Estado. Frente ao problema, buscou ajuda nos bancos de leite e nos

⁵ Afastamento, após terem sido estes unidos artificialmente, dos planos anatômicos atingidos por uma incisão cirúrgica ou uma ferida.

centros de informação sobre o aleitamento materno do país, sendo tal ajuda dificultada pela distância. Não existiam, em nosso Estado, esses serviços, não encontrando resposta para sua grande pergunta: Como resolver seu problema de escassez de leite, quando ela queria, mas não podia, amamentar sua própria filha?

Ao se encontrar diante de tamanha dificuldade, por coincidência, o Governo da Bahia, em parceria com a Secretaria de Saúde do Estado, Segunda Diretoria Regional de Saúde de Feira de Santana e Legião Brasileira de Assistência – LBA, resolve montar o primeiro Banco de Leite Humano do Estado e o Centro de Informação sobre o Aleitamento Materno, que se tornaram uma referência. A cidade de Feira de Santana foi escolhida para sediar o Banco de Leite Humano (BLH) por ser o maior entroncamento rodoviário do Nordeste. A partir de julho de 1986, foram visitados vários Bancos de Leite Humano (BLH) do país, ficando como referências as instituições de Pernambuco, através do Instituto Materno-Infantil de Pernambuco, (IMIP) no Recife, sob a orientação, na época, da Doutora Vilneide Braga Serva, e o Instituto Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz, em Manguinhos, Rio de Janeiro, do Professor Doutor João Aprígio Guerra. Atualmente, tanto o professor, como a Instituição, são referências nacionais respectivamente em Aleitamento Materno e Bancos de Leite Humano.

Em 1987, a cidade de Feira de Santana teve o seu primeiro Banco de Leite Humano inaugurado em 10 de novembro. O BLH encontra-se funcionando até os dias de hoje, porém a cidade possui mais um banco de leite humano no Hospital da Mulher, sendo sua colaboradora, como docente da Disciplina Saúde Coletiva, na Universidade Estadual de Feira de Santana.

1.3 Objetivos do Trabalho

1.3.1 Objetivo geral

Elaborar uma proposta de intervenção na educação em saúde utilizando o rádio com programas que, por intermédio de palestras, conselhos, orientações, interajam com as experiências vivenciadas por suas ouvintes das zonas urbana e rural.

1.3.2 Objetivos específicos

- Identificar o conhecimento e as fontes de informação da população da zona rural de Feira de Santana sobre os benefícios e a importância do aleitamento materno.
- Introduzir o rádio como meio de orientação às mães sobre o aleitamento materno.
- Disponibilizar informações sobre o aleitamento materno às mães e demais grupos da comunidade, com vistas à promoção e proteção da saúde das crianças, residentes na comunidade rural.
- Valorizar e divulgar a importância do aleitamento materno.

2 O ALEITAMENTO MATERNO

2.1 A Amamentação

De acordo com o PROAMA (1992, p. 13), o ato de amamentar transcende o prisma biológico de promoção nutricional e de adaptação da criança. O momento de amamentação supre, desde o início, as necessidades emocionais; o contato pele a pele, olhos nos olhos entre os dois seres, torna a mãe a primeira professora de amor de seus filhos.

Para tanto, o PROAMA (1992, p. 13) refere que:

- A amamentação é uma atividade básica.
- É uma das primeiras intervenções nutricionais, materiais e de saúde infantil que a própria mãe executa para assegurar a saúde do filho.
- Utiliza um alimento natural e apropriado que satisfaz muitas necessidades da criança em desenvolvimento.
- Proporciona harmonização com o ambiente ecológico, econômico e sanitário da mãe, do filho e do casal.
- É parte integrante do processo de reprodução humana.
- Desenvolveu-se de acordo com as necessidades da espécie e as determinantes ecológicas da vida.
- Muito poucas mães são incapazes de amamentar por razões fisiológicas.
- Há mulheres que deixam de amamentar por motivos hereditários; outras, por motivos relacionados com a classe social ou estilo de vida, outras, ainda, por falta de informação sobre o assunto.

2.2 Benefícios do Leite Materno

O aleitamento materno é um modo insubstituível de fornecer o alimento ideal para o crescimento e desenvolvimento saudáveis do lactente⁶, tendo também uma influência biológica e emocional sobre a saúde, tanto de mães, quanto das crianças. As propriedades anti-infecciosas do leite materno ajudam a proteger crianças contra

⁶ Criança que mama ao seio.

doenças, e existe relação importante entre aleitamento e espaçamento de gestações. Por estes motivos, profissionais e outros trabalhadores de saúde, educação e informação devem fazer esforços não só para proteger, promover e apoiar o aleitamento materno, como também para fornecer às gestantes e puérperas conselhos objetivos e coerentes sobre o assunto. (OMS / UNICEF, 1990).

Segundo a declaração da Reunião da Organização Mundial de Saúde e o Fundo das Nações Unidas para Infância realizada em outubro de 1979,

“As práticas inadequadas de alimentação infantil e as suas conseqüências constituem um dos principais problemas mundiais e são um sério obstáculo ao desenvolvimento social e econômico. Sendo, em grande parte um problema criado pelo homem, devem ser consideradas uma desonra para nossa ciência e tecnologia e para nossas culturas sociais e econômicas, assim como uma mácula para o que chamamos de realizações desenvolvimentistas.” (OMS / UNICEF, 1979, p. 3).

Mahler, diretor-geral da OMS em 1979, ao discursar no referido evento, refere que

“Dados de países em desenvolvimento indicam que os bebês amamentados por menos de seis meses, ou que jamais receberam leite materno, têm taxa de mortalidade de cinco a dez vezes mais elevada no segundo semestre de vida do que aqueles amamentados pela mãe durante os seis primeiros meses ou mais.” (MAHLER, 1979, p. 3).

2.3 A Representação Social do Leite Materno através da História

No século XIX e até meados do século XX, o aleitamento materno era a maneira natural, simples e segura para alimentação das crianças nos primeiros seis meses de vida.

No século XVII e durante parte do século XVIII, não aleitar ao seio era sinal de grande status na França e em alguns países da Europa. As mães aristocratas e de classes sociais abastadas, “utilizavam-se” das amas-de-leite para amamentar seus filhos. No final do século XVIII, a mortalidade infantil era muito alta entre crianças amamentadas por amas-de-leite, que eram, na maioria, agricultoras ou camponesas e viviam em precárias condições sanitárias e de alimentação. Só a alta burguesia podia pagar e selecionar amas-de-leite diferenciadas. Em conseqüência de tal fato, a sociedade iniciou a valorização da criança como potencial força de trabalho, surgindo a mãe como centro da família, situação mantida por muito tempo. (NÓBREGA, 2001).

No início do século XX e por muitos anos, a ênfase na alimentação infantil refletia abordagem principalmente quantitativa, considerada mais precisa e, portanto, mais “científica”. Por exemplo, a análise dos leites humanos e de vaca, embora exibindo diferenças, parecia sugerir que este poderia ser modificado com segurança para satisfazer às necessidades nutricionais dos bebês. Os primeiros substitutos do leite materno e os primeiros alimentos suplementares ou de desmame, comercialmente produzidos, usavam como modelo o conhecimento disponível, bastante limitado, sobre o valor nutricional do leite de peito bem como sobre a fisiologia e necessidades nutricionais do recém-nascido e do bebê pequeno. O critério básico para avaliar a adequação nutricional era o crescimento, e, não raro, noções como mais alimento e alimentação mais precoce tornaram-se sinônimos de nutrição melhor.

Atualmente, está claro que práticas adequadas de alimentação no primeiro ano de vida devem levar em conta gama maior de considerações. Os fatores principais são as necessidades nutricionais do bebê, seu grau de maturidade funcional, particularmente quanto ao tipo de alimento oferecido, processos de excreção e defesa contra infecção. Esta revisão reúne as informações científicas mais recentes sobre desenvolvimento fisiológico dos bebês na gestação e primeiro ano de vida e implicações quanto a alimentação infantil. Mostra porque o leite materno, naturalmente adaptado para as necessidades nutricionais na evolução dos bebês pequenos, é a única fonte universal de nutrição. Mostra, também, que, posteriormente, ainda no primeiro ano, quando outros alimentos se tornam necessários, eles podem ser tão variados quanto a dieta da família. O essencial é atender às necessidades nutricionais e quanto maior a variedade de alimentos ingeridos, mais facilmente este objetivo será alcançado. Mesmo nesta fase do desenvolvimento infantil, o leite materno é uma fonte significativa de energia e nutrientes, bem como de proteção contra infecções e doenças. (ALMEIDA, 1999).

2.4 Anatomia da Mama Madura e Fisiologia da Lactação

Na mulher madura, a mama contém entre quinze a vinte e cinco segmentos ou lóbulos de tecido glandular, envolvidos pelo tecido conectivo. Nem todos os lóbulos funcionam em cada ou no decurso de qualquer lactação. Mulheres podem

amamentar, com sucesso, um bebê com apenas uma mama funcionante ou até parte das duas mamas funcionando. Isto é visto e documentado em vários tipos de cirurgia, inclusive mamoplastia⁷ redutiva, biópsia ou aumento da mama. A cada lactação sucessiva, geralmente, aumenta o tecido mamário funcionante. (PRENTICE, 1986).

A estrutura da mama tem sido comparada à árvore com tronco, ramos e folhas; os ductos de leite ligados aos pequenos alvéolos saculares são as folhas. O leite é secretado nos alvéolos, aglomerados em número de 10 a 100, em cada segmento, e envoltos por lâminas de colágeno que prolongam os pequenos ductos abrindo-se no ducto principal. (SILVA e VASCONCELOS, 1988).

O ser humano, como todo mamífero, possui uma característica peculiar, a lactação, que é a capacidade de produzir o alimento ideal para seus filhos.

A síntese de leite nos alvéolos é um processo complexo que envolve quatro mecanismos secretários: exocitose, síntese e transferência de gordura, secreção de íons e água, e transferência de imunoglobulinas.

A produção de leite se faz numa seqüência de eventos, governada por ação hormonal, através da Lactogênese I⁸, Lactogênese II⁹, Galactopoese¹⁰. (JALDIN, 2001, p. 35, 39).

2.5 Promoção do Aleitamento Materno no Pré-natal, Parto e Nascimento

Baseado em declaração conjunta – OMS / UNICEF (1989), um dos objetivos dos profissionais de saúde ligados à assistência à saúde da mulher e da criança é promover o aleitamento materno de maneira clara, ampla e direta, com ações de sensibilização, conforme descrições a seguir:

I – Cuidados pré-natais

Ocasão quando os profissionais de saúde têm maior contato com a população feminina. Durante as consultas, o seu caráter cíclico permite a aproximação e a

⁷ Plástica de mama.

⁸ Ocorre no último trimestre da gravidez quando a mama está pronta para produzir leite (colostró).

⁹ Descida do leite.

¹⁰ Manutenção da secreção de leite estabelecida.

discussão produtiva sem atropelos, com intervalo útil para absorção do tema e participação da família.

Os cuidados pré-natais podem ser divididos em duas partes: atividades educativas e assistenciais. (OMS / UNICEF, 1989).

Nas atividades educativas, que podem ser individual ou coletiva, são abordados temas de interesse da gestante sob a forma de palestras, discussões formais, relatos de experiências, dramatizações, oficinas.

A atividade assistencial é desenvolvida, em consultório, por profissionais de saúde capacitados (podendo ser outro que não o médico) que, além de acompanhar o desenvolvimento da gestação e o bom estado materno e fetal, devem empregar parte do tempo disponível da consulta no incentivo ao aleitamento materno. (OMS / UNICEF, 1989).

II – Cuidados durante e pós-parto

Muitas rotinas de parto e cuidados perinatais, freqüentemente caracterizadas pelo enfoque “cirúrgico” e “asséptico”, foram originalmente estabelecidas para controlar infecções perinatais ou para facilitar o trabalho médico e da equipe hospitalar. Embora nem todas essas rotinas interfiram no relacionamento afetivo mãe-filho, freqüentemente têm um efeito negativo sobre o desempenho da lactação.

As experiências de uma mulher durante o trabalho de parto afetam a sua motivação em relação ao aleitamento e à facilidade com que o inicia. A sensibilidade e as reações da equipe de saúde às suas necessidades, incluindo o respeito por sua dignidade e privacidade, contribuem para o seu conforto e bem estar. Para diminuir ao mínimo o desconforto do parto, deve-se permitir que a mulher se locomova, adote a posição mais confortável e tenha um familiar ou pessoa de confiança para acompanhá-la e apoiá-la. Tais práticas simples podem reduzir a duração do trabalho de parto e a necessidade de ocitocina, intervenções cirúrgicas e sedativos, além de melhorar as perspectivas de êxito do aleitamento.

Imediatamente após o parto normal, os reflexos de busca e de sucção do recém-nascido são particularmente vigorosos, e a mãe, geralmente, está ansiosa por ver e tocar seu filho. Encorajar o contacto cutâneo entre mãe e filho e permitir que este sugue o seio será benéfico, e ajudará a reforçar a ligação afetiva mãe-filho e estimular a secreção láctea. Os movimentos de sucção do recém-nascido também estimulam a liberação de ocitocina, facilitando a expulsão da placenta e a contração uterina durante o terceiro estágio do parto.

A necessidade de repouso materno após o parto pode ser satisfeita mais tarde. Na realidade, este descanso será facilitado por um contacto inicial íntimo com seu filho durante a primeira meia hora de vida. Portanto, o recém-nascido deve ser limpo e seco – um banho não é necessário – e colocado sobre o ventre materno, para que a mãe o segure e o leve ao seio, permanecendo junto a ela enquanto estiver na sala de parto.

III – Cuidados com o recém-nascido

Os cuidados com o recém-nascido durante os dois ou três primeiros dias de vida e, particularmente, o seu modo de alimentação, têm uma influência muito forte sobre o desempenho da lactação materna. O peso, ao nascer, deve ser marcado num gráfico de crescimento para que possam os profissionais de saúde acompanhar o desenvolvimento ponderal.

IV – Cuidados no alojamento conjunto

O contacto ocular e físico entre mãe e filho, estabelecido imediatamente após o nascimento, deve ser mantido, e o acesso de uma mãe a seu filho não deve ser limitado. Portanto, o alojamento conjunto deve substituir a prática de manter mãe e filho em quartos separados e permitir “visitas” apenas dentro de determinados horários. O alojamento conjunto tem várias vantagens importantes sobre a separação de crianças e suas mães. Por exemplo, facilita a ligação afetiva entre eles, permite não só o aleitamento sob demanda, mas também um contacto mais próximo com o pai e outros familiares.

O risco de infecções neonatais, uma grande preocupação, é na realidade menor no quarto da mãe do que no ambiente fechado de um berçário, onde epidemias graves podem ocorrer. A manutenção do contacto mãe-filho estabelecido logo após o nascimento favorece a colonização da pele e do trato gastrointestinal do recém-nascido pelos microrganismos maternos, que tendem a ser não-patogênicos, e contra os quais o leite materno tem anticorpos. Assim, o recém-nascido é, simultaneamente, exposto e protegido contra germes aos quais, só mais tarde, desenvolverá imunidade ativa. (OMS / UNICEF, 1989).

Em contraste, crianças em berçários tendem a ser expostas às bactérias da equipe hospitalar – microrganismos que, no conjunto, são mais patogênicos e freqüentemente resistentes a muitos antimicrobianos, e contra os quais o leite materno não contém anticorpos específicos. Isto explica a facilidade com que infecções respiratórias, gastrointestinais e de pele se desenvolvem em tais

ambientes. O alojamento conjunto também elimina a necessidade de funcionários transportarem as crianças para os quartos das mães, ocasionalmente por longas distâncias no hospital ou ambulatório, aumentando assim a sua disponibilidade para outras tarefas.

V – Alta

Grande número de crianças, atualmente, tem alta de hospitais e ambulatórios já tomando mamadeiras. Isso contribui consideravelmente para a queda na prevalência do aleitamento. A mamadeira pode ser introduzida com a melhor das intenções, e pode até ser considerada uma medida temporária enquanto a lactação não estiver firmemente estabelecida. Na realidade, ela age como uma força potente contra o êxito da iniciação e do estabelecimento da lactação, por reduzir a frequência e a força da sucção do recém-nascido. Frequentemente, o resultado é que as mães são estimuladas a continuarem o modo artificial de alimentação começado no estabelecimento de saúde. (OMS / UNICEF, 1989).

A amamentação materna exclusiva deveria ser a norma. Geralmente, os recém-nascidos não devem receber líquidos ou alimentos por via oral, além de leite materno durante a sua estada no hospital ou ambulatório. A administração, em mamadeiras, de água, chás, soluções glicosadas ou leites infantis, não apenas é desnecessária em termos nutricionais, como diminuem a capacidade de sucção do recém-nascido e, portanto, o estímulo de lactação da mãe. Tais práticas aumentam o risco de introduzir infecções e, no caso de leites infantis, de sensibilizar a criança às proteínas do leite da vaca. (OMS / UNICEF, 1989).

Em condições normais, as reservas naturais de água e energia são suficientes para sustentar o recém-nascido pelos primeiros dias de vida, enquanto a lactação se estabelece plenamente. Thomsom recomenda, portanto, manter uma criança recém-nascida num ambiente aquecido e não excessivamente seco, para impedir perdas energéticas desnecessárias devido ao frio, ou perdas hídricas por meio da transpiração.

O sucesso do aleitamento materno depende de vários fatores, como o vínculo mãe-filho, o preparo adequado da mulher, apoio do pai e familiares, a atenção, cuidado e conhecimento dos profissionais de saúde. De modo geral, as escolas da área de saúde dispõem de carga horária pequena para o ensino das habilidades necessárias à solução dos problemas mais comuns enfrentados pela mulher que se propõe a amamentar. (THOMSOM, 2001).

2.6 Uso de Drogas na Gravidez e Lactação

Os fármacos a que a mulher se expõe no período de gravidez e lactação, geralmente, passam pela barreira placentária e também aparecem no leite, mas sua diluição é muito grande e seu efeito sobre o feto ou sobre o lactente é inapreciável. Fazem-se necessárias exceções e normas a serem observadas para a prescrição de medicamentos durante a gravidez e lactação. (BEDRAN, 1998).

Acredita-se que o aleitamento materno é soberano, e ciente se está de que as mães sempre querem, com raras exceções, amamentar, não o fazendo por uma série de fatores que as impedem. Os graves problemas que o Brasil enfrenta em virtude do alto grau de desmame não se devem, em hipótese alguma, às mães.

O objetivo desta pesquisa é ajudar na realização da grande finalidade da mulher: completar a obra que iniciou intra-útero: seu bebê!

3 O RÁDIO

3.1 A História do Rádio

Por ser considerado o maior meio de comunicação de todos os tempos existe grande número de publicações a respeito da invenção do rádio e sua autoria. Muitos são os apontados como inventores deste importante meio de comunicação, gerando grande confusão.

O Rio de Janeiro é considerada a primeira cidade brasileira a instalar uma emissora de rádio. Antes disso, porém, experiências já eram feitas por alguns amadores, existindo documentos que provam que o rádio, no Brasil, nasceu em Recife, no dia 06 de abril de 1919, quando, com um transmissor importado da França, foi inaugurada a Rádio Clube de Pernambuco por Oscar Moreira Pinto, que depois se associou a Augusto Pereira e João Cardoso Ayres. (ORTRIWANO, 1985).

Menciona-se também o nome de Guglielmo Marconi como o inventor, o “pai” do rádio. Tal afirmação levanta uma onda de protestos e reclamações sobre a prioridade em muitos países, inclusive no Brasil.

Poucos brasileiros têm conhecimento dos trabalhos documentados pelo Jornal do Comércio, em 1900, do Padre Roberto Landell Moura, o primeiro rádio-amador do mundo, e um dos indiscutíveis pioneiros das telecomunicações, não só no Brasil, mas nos demais países, citado por Ernani Fornari em seu livro “O incrível Padre Landell de Moura”, publicado em 1960 conforme citação a seguir:

“No domingo próximo passado, no Alto de Sant’ana, cidade de São Paulo, o padre Roberto Landell de Moura fêz uma experiência particular com vários aparelhos de sua invenção, no intuito de demonstrar algumas leis por êle descobertas no estudo da propagação do som, da luz e da eletricidade através do espaço da terra e do elemento aquoso, as quais foram coroadas de brilhante êxito. Estes aparelhos eminentemente práticos são como tantos corolários, deduzidos das leis supracitadas. Assistiram a esta prova, entre outras pessoas, o Sr. P. C. P. Lupton, representante do Governo Britânico, e sua família.” (FORNARI, 1960).

Em registros do Jornal do Comércio¹¹ de 06 de julho 1900, Landell de Moura fez uma transmissão da palavra humana articulada, com a presença da imprensa, e de autoridades da época, incluindo o cônsul britânico em São Paulo, P. C. Lupton, no ano de 1893, época em que isto foi conseguido, já com fonia, porém questionado.

¹¹ Site <http://www.rlandell.tripod.com>

Recorda-se que é consignada a Marconi em 1895 somente a telegrafia, utilizando o Código Morse e não a fonia.

Porém, a segunda transmissão da palavra humana deu-se em 25 de dezembro de 1900, feito atribuído ao canadense-norte-americano Reginald Aubrey Fessenden, tendo-se inclusive a gravação de suas palavras. (FORNARI, 1960).

Oficialmente, o rádio foi inaugurado a 07 de setembro de 1922, como parte das comemorações do Centenário da Independência, quando, através de oitenta receptores especialmente importados para a ocasião, alguns componentes da sociedade carioca puderam ouvir em casa o discurso do Presidente Epitácio Pessoa. A Westinghouse Electric International havia instalado uma emissora, cujo transmissor, de quinhentos watts, estava localizado no alto do Corcovado. Durante alguns dias, após a inauguração, foram transmitidas óperas diretamente do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A demonstração pública causou impacto, mas as transmissões foram logo encerradas por falta de um projeto que lhes desse continuidade. (ORTRIWANO, 1985).

Definitivamente, podemos considerar 20 de abril de 1923 como a data de instalação da radiodifusão no Brasil. É quando começa a funcionar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquette Pinto e Henry Morize, impondo à emissora um cunho nitidamente educativo.

Mas o rádio nascia como meio de elite, não de massa, e se dirigia a quem tivesse poder aquisitivo para mandar buscar no exterior os aparelhos receptores, então muito caros. Também a programação não estava voltada para atingir aos objetivos a que se propunham seus fundadores: Levar a cada canto um pouco de educação, de ensino e de alegria. Nasceu como um empreendimento de intelectuais e cientistas e suas finalidades eram basicamente culturais, educativas e altruísticas. (ORTRIWANO, 1985).

No início, ouvia-se ópera, com discos emprestados pelos próprios ouvintes, recitais de poesia, concertos, palestras culturais, dentre outros. Sempre uma programação muito “seleta”, apesar de Roquette Pinto estar convencido, desde o início, de que o rádio se transformaria num meio de comunicação de massa. E, devido a essa certeza e à vontade de divulgar a ciência pelas camadas populares, muitas iniciativas foram tomadas no sentido da implantação efetiva da radiodifusão no Brasil. (ORTRIWANO, 1985).

Ainda nos anos 20, o rádio já começa a espalhar-se pelo território brasileiro. As primeiras emissoras tinham sempre em sua denominação os termos “clube” ou “sociedade”, pois na verdade nasciam como clubes ou associações formadas pelos idealistas que acreditavam na potencialidade do novo meio.

Nessa primeira fase, o rádio se mantinha com mensalidades pagas pelos que possuíam aparelhos receptores, por doações eventuais de entidades privadas ou públicas e, muito raramente, com a inserção de anúncios pagos, que, eram proibidos pela legislação da época. E também era feitos apelos para que os interessados aderissem à emissora como sócios, ajudando a mantê-la. Mas, como diz Renato Murce, “a constância não é uma virtude muito brasileira, depois de alguns meses, ninguém mais pagava”. E o rádio lutava com dificuldades, sem estrutura econômico-financeira que pudesse favorecer o seu desenvolvimento. (VISÃO, 1976)

André Casquel Madrid salienta que, durante o decênio de 20, “a cultura popular não tinha acesso ao rádio, que não se caracterizava como entendimento de massa”, sendo “veículo de formas de diversão individualista, familiar ou particular, muito pouco extensivas”. E, esse quadro se evidencia “pelo pequeno número de emissoras instaladas, o pouco interesse da própria sociedade global, relativamente ao rádio”. (MADRID, 1972, p. 58).

Kaplun considera primordial a importância da utilização do rádio na informação e na educação dos povos latino-americanos. O rádio aparece, para ele, como a “única técnica de comunicação avançada que se adapta realmente ao terceiro mundo”. (KAPLUN, 1978, p. 55).

Em vista do abordado, Santos (1985) diz que compreender a importância do rádio para um país em desenvolvimento como o Brasil é uma necessidade. Interpretar o papel que o rádio vem desempenhando nesse contexto; é uma exigência que se impõe, não apenas aos profissionais da comunicação, mas a todos os intelectuais comprometidos com o desenvolvimento brasileiro.

De acordo com Pye (1973, p. 59), “a tecnologia da radiodifusão oferece possibilidades adicionais de inovação nas quais as matérias locais podem sofrer uma disseminação maior; as equipes locais de redatores podem transmitir seus programas de interesse local”..

Segundo Lopes (1970), a partir do início da década de 30, o rádio sofre transformação radical. Em 1931, quando surge o primeiro documento sobre

radiodifusão, o rádio brasileiro já estava comprometido com os “reclames” – os anúncios daquele tempo – para garantir sua sobrevivência.

A publicidade foi permitida por meio do Decreto nº 21.111, de 1º de março de 1932, que regulamentou o Decreto nº 20.047, de maio de 1931, primeiro diploma legal sobre a radiodifusão, surgido nove anos após a implantação do rádio no país. As primeiras emissoras a entrar em operação, antes do Decreto nº 20.047, obtiveram suas licenças com base na regulamentação da radiotelegrafia, o Regulamento para Serviços de Radiotelegrafia e Radiotelefonia, Decreto nº 16.657, de 05 de novembro de 1924. O Governo mostra, a partir dos anos 30, preocupar-se seriamente com o novo meio, que definia como “serviço de interesse nacional e de finalidade educativa”, regulamentando o seu funcionamento e passando a imaginar maneiras de proporcionar-lhes bases econômicas mais sólidas, concretizadas pelo Decreto nº 21.111, que autorizava a veiculação de propaganda pelo rádio, tendo limitado sua manifestação, inicialmente, a 10% da programação, posteriormente elevada para 20% e, atualmente, fixada em 25%.

A introdução de mensagens comerciais transfigura imediatamente o rádio: o que era “erudito”, “educativo”, “cultural” passa a transformar-se em “popular”, voltado ao lazer e à diversão. O comércio e a indústria forçam os programadores a mudar de linha: para atingir o público, os “reclames” não podiam interromper concertos, mas passaram a pontilhar entre execuções de música popular, horários humorísticos e outras atrações que foram surgindo e passaram a dominar a programação. (LOPES, 1970).

Com o advento da publicidade, as emissoras trataram de se organizar como empresas para disputar o mercado. A competição teve, originalmente, três facetas: desenvolvimento técnico, *status* da emissora e sua popularidade. A preocupação “educativa” foi sendo deixada de lado e, em seu lugar, começaram a se impor os interesses mercantis. (LOPES, 1970)

As transformações surgidas no país a partir da Revolução de 1930, com o despontar e novas forças, como o comércio e a indústria, que precisavam colocar seus produtos no mercado interno, aliados a mudanças na própria estrutura administrativa federal, com a forte centralização do poder executivo engendrada por Getúlio Vargas, são os contextos que favorece a expansão da radiodifusão: o rádio mostra-se um meio extremamente eficaz para incentivar a introdução de estímulos ao consumo.

Os empresários começam a perceber que rádio é muito mais eficiente para divulgar seus produtos do que os veículos impressos, inclusive devido ao grande número de analfabetos. Para o rádio surgem então novas funções, diretamente ligadas ao desenvolvimento político e econômico do país. “Vencidos os últimos obstáculos de ordem jurídica, o rádio colocaria a serviço da vida econômica nacional todas as suas potencialidades, consolidando-se, definitivamente, como veículo publicitário de múltiplos objetivos, de expressão popular e integração nacional”. (MADRID, 1972, p. 61).

Com o rádio comercial incipiente, não tendo ainda uma estrutura burocrática organizada, os primeiros profissionais – chamados “programistas” – adquirem espaço nas estações, produzem programas e revendem intervalos para anunciantes. Faziam de tudo: contato, redação, produção e apresentação. À medida que o nível de improvisação diminuía, foram-se articulando as equipes. E, ao mesmo tempo, “o rádio passaria por um processo de reformulação estrutural, ampliando seus recursos, para poder atender às novas atribuições no processo de industrialização, da urbanização, da especialização e da tecnologia. Iria integrar-se em outros níveis da realidade nacional e passaria a responder às necessidades coletivas, como meio recreativo e informativo, manipulador da opinião”. (COSTELLA, 1976, p. 181).

Para cumprir melhor o seu papel, o rádio não pode mais viver apenas de improvisação. Precisa mudar, para poder fazer face à nova situação. Estrutura-se como empresa, investe e passa a contratar artistas e produtores. Os programas são preparados com antecedência e a preocupação está voltada para conseguir cada vez maior audiência, popularizando-se, criando os primeiros ídolos populares. “A linguagem radiofônica, aos poucos, vai sendo aprendida. Mais coloquial, mais direta, de entendimento fácil, começa a invadir todas as emissões... Os programadores passam a ter horário certo e a programação, como um todo, é distribuída de modo racional no tempo”. (COSTELLA, 1976, p. 183).

Com a publicidade como suporte da programação, o objetivo principal passa a ser o de alcançar grandes audiências, mercado para os produtos anunciados. Assim, “opera-se radical mudança na forma e no conteúdo dos programas, buscando-se uma linguagem eclética, de maior apelo às emoções, intimista, livre, comunicativa. Inicia-se a profissionalização na área da criatividade radiofônica...” (MADRID, 1972, p. 81).

Logo no início desses anos 30, o rádio também já veiculava propaganda política e, em determinados episódios, como a Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo, conclamou o povo em favor da causa política, com César Ladeira ganhando fama nacional como locutor oficial da Revolução, através da Rádio Record, que, aliás, foi a pioneira em múltiplos sentidos. Primeira líder de audiência, introduziu a programação política, ao trazer os políticos aos seus microfones – para “palestras instrutivas”, como dizia seu proprietário, Paulo Machado de Carvalho. Depois, organizaria a cadeia de emissoras paulistas na propaganda da Revolução Constitucionalista e, em 1934, torna-se agente da reviravolta que se operaria na programação das emissoras brasileiras logo a seguir. (MADRID, 1972).

Segundo Santos (1985), tais argumentos servem para ilustrar a força do rádio como veículo de persuasão e mobilização popular. Essas características incluem o rádio como veículo de amplas possibilidades para promover desenvolvimento.

No Brasil, segundo Vasconcelos (1989), existem cerca de três mil emissoras de rádio, não havendo nenhum instrumento de comunicação de massa que lhe seja superior. Para este autor, não se entende, porém, a pouca utilização deste veículo, comprovadamente eficaz, como meio de educação e transformação, exemplificado com os resultados dos experimentos pedagógicos realizados pelo Movimento de Educação de Base da Igreja Católica (MEB), que alfabetizou e apoiou os primeiros passos de milhões de jovens e adultos, através das “escolas radiofônicas”, nas regiões norte e nordeste do Brasil.

Desde seus primeiros momentos, o MEB distinguiu-se pela utilização do rádio no ensino, dentro de um sistema articulado com as classes populares. Porém, a política que se seguiu ao golpe de 1964 desmantelou o projeto inicial, fazendo com que a proposta e os ideais de educação popular de massa daquela instituição fossem abandonados. (VASCONCELOS, 1989).

A Record adotou um novo modelo de programação organizado por César Ladeira, introduzindo o *cast* profissional e exclusivo, com remuneração mensal. A partir daí, começa a corrida e as grandes emissoras contratam a “peso de ouro” astros populares e orquestras filarmônicas. E, mesmo as emissoras de pequeno porte procuram também ter o seu pessoal fixo. Essa mudança aguçou – ou mesmo desencadeou – o espírito de concorrência entre as emissoras, inclusive as de outros Estados, que imitaram a programação lançada pela Record. (MADRID, 1972).

Em 1935, ocorrem dois fatos marcantes para o desenvolvimento da programação nas emissoras brasileiras. A Rádio Kosmos, de São Paulo, depois a Rádio América, cria o primeiro auditório e, a partir daí, vulgarizaram-se as transmissões com a participação do público, inclusive os programas de auditório. (MADRID, 1972). Paralelamente, é inaugurada no Rio de Janeiro a Rádio Jornal do Brasil, que estabelecerá uma sistemática de programas fundamentada na informação, dentro da conduta austera, que a norteia até os dias presentes. (MADRID, 1972).

E o rádio brasileiro vai encontrando seu caminho, definindo sua linha de atuação e assumindo um papel cada vez mais importante na vida política e econômica do país. Getúlio Vargas foi o primeiro governante brasileiro a ver no rádio grande importância política. E passa a utilizá-lo dentro de um modelo autoritário.

Logo após a Revolução de 30, havia sido criado o Departamento Oficial de Propaganda – DOP, encarregado de uma seção de rádio que antecedeu a “Hora do Brasil”. Em 1934, o DOP foi transformado em Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, surgindo então “A Voz do Brasil”. Posteriormente, o Decreto nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939, criava o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, diretamente ligado à Presidência da República e que substituiu o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, “tendo a seu encargo a fiscalização e censura não só do conteúdo das programações radiofônicas, como as do cinema, teatro e jornais”. Depois, “A Voz do Brasil” passou a ser responsabilidade da Agência Nacional, atual Empresa Brasileira de Notícias – EBN. (FEDERICO, 1982, p. 63).

Do ponto de vista econômico, o rádio passou a receber cada vez mais investimentos publicitários, que acabam fortalecendo um vasto ramo de atividades, o das agências publicitárias.

Nesse ambiente, surge um marco muito importante: é inaugurada a emissora que acabaria por tornar-se a maior lenda do rádio brasileiro. Às vinte e uma horas do dia 12 de setembro de 1936, um gongo soou três vezes e, a seguir, a voz de Celso Guimarães anunciava: “Alô, Alô, Brasil! Está no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro”. Para André Casquel Madrid, o início de suas atividades representou o “fato que seria o marco da mais séria transformação ocorrida na radiodifusão brasileira, até o advento da televisão. A partir da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, o rádio desenvolve-se organizado burocraticamente”. O conselho de administração da rádio Nacional era formado por oito divisões especializadas, sob as ordens de um diretor

geral – Vitor Costa –, que se esforça na produção de programas que fossem capazes de atrair grande público. “A gigantesca organização valia-se de dez maestros, cento e vinte quatro músicos, trinta e três locutores, cinqüenta e cinco radiadores, trinta e nove radiatrizes, cinqüenta e dois cantores, quarenta e quatro cantoras, dezoito produtores, treze repórteres, quatro secretários de redação e cerca de duzentos e quarenta funcionários administrativos” (COSTELLA, 1978, p. 182-183). Contava com seis estúdios, um auditório de quinhentos lugares, operando com dois transmissores para ondas médias (25 a 50 kW), e dois para ondas curtas (cada um com 50 kW), conseguindo cobrir todo o território e até o exterior com seu sinal que chegava a atingir a América do Norte, a Europa e a África. À época, às portas do Estado Novo, o rádio já era fenômeno de massas e suas mensagens alcançavam a mais ampla divulgação. (MADRID, 1972).

Em 1940, o Governo decidiu que a Rádio Nacional “tinha que ser um instrumento de afirmação do regime”, e “Getúlio Vargas decretou a encampação da empresa A Noite, à qual pertencia a emissora”. Miriam Goldfeder, que realizou um trabalho analisando a Rádio Nacional, procurando identificar “seu significado político-ideológico mais amplo, a partir da função ocupada por ela no conjunto das práticas sociais do período”, conclui que “as razões maiores de sua eficácia ultrapassariam, é evidente, o âmbito cultural propriamente dito, e poderiam ser localizadas no conjunto das relações sociais, econômicas e políticas que teriam permitido a ampla penetração de seu projeto. Cumpre-nos, portanto, compreender a Rádio Nacional no conjunto dos mecanismos de legitimação ideológica acionados direta ou indiretamente pelo sistema de dominação política, vale dizer, como prática cultural, com autonomia e atuação específicas, destinada, no entanto, em última instância, a reiterar o quadro geral dos valores dominantes no período. Esta emissora deveria atuar como um mecanismo de controle social, destinado a manter as expectativas sociais dentro dos limites compatíveis com o sistema como um todo”. (GOLDFEDER, 1981, p. 40).

E assim preparado, o rádio entra nos anos 40, a chamada “época de ouro do rádio brasileiro”. Cada vez mais as emissoras começam a sentir a concorrência existente entre elas. Como a única maneira de atrair o anúncio é garantir-lhe maior penetração, inicia-se uma guerra pela conquista de públicos sempre maiores. Na ânsia de angariar ouvintes, inclusive os numerosíssimos analfabetos, a programação de certas emissoras vai-se popularizando, a exemplo da Rádio Nacional. Boa parte

dessas programações então, mais do que ao popular, descem ao popularesco e ao baixo nível. (COSTELLA, 1976).

Segundo relatos de Walter Sampaio em *A informação no rádio de Ortriwano* (1985), é a guerra pela audiência, com as emissoras concorrendo entre si para garantir o faturamento. Cada uma delas procura mostrar maior popularidade, fator importante para que os anunciantes se decidissem pelo investimento de suas verbas. E também a concorrência entre o rádio e os veículos impressos começa a ser discutida.

O clima é propício para que o Ibope – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – inicie suas atividades. Fundado a 13 de maio de 1942, suas pesquisas iniciais eram bastante simplificadas. Com o passar dos anos, foram sendo sofisticadas. Hoje, o Ibope possui uma equipe de mil e duzentos entrevistadores e um computador de última geração, utilizado para fazer os relatórios que são vendidos aos seus clientes. (ORTRIWANO, 1985).

Com o acirramento da disputa pelas verbas, não só entre as emissoras mas também com relação a outros meios, muitas vezes os resultados apresentados pelo Ibope foram postos em dúvida. Outras entidades de pesquisa de audiência foram surgindo, normalmente ligadas às grandes agências de publicidade, interessadas no bom encaminhamento das verbas de seus clientes. (ORTRIWANO, 1985).

O decênio de 40 vê o surgimento da primeira radionovela – em 1942, ia ao ar pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, “Em Busca da Felicidade”. O gênero prolifera rapidamente, fazendo parte da programação da maioria das emissoras da época e dos anos seguintes. Em 1945, só a própria Rádio Nacional transmite quatorze novelas diariamente. (ORTRIWANO, 1985).

Algumas emissoras começam a especializar-se em determinados campos de atividade. A Rádio Panamericana, de São Paulo, a partir de 1947, transforma-se na “Emissora de Esportes”, conseguindo liderança de audiência e introduzindo muitas inovações nas transmissões esportivas. É também a fase em que o radiojornalismo começa a surgir como atividade mais estruturada, com o lançamento de alguns jornais que marcaram definitivamente o gênero. Entre eles, merecem destaque o “Repórter Esso”, o “Grande Jornal Falado Tupi” e o “Matutino Tupi”. (ORTRIWANO, 1985).

“Em 1941, por necessidade imperiosa de nos colocarmos a par da Segunda Guerra Mundial, surgiu o ‘Repórter Esso’, exatamente às doze horas e quarenta e cinco minutos do dia 28 de agosto, na Rádio Nacional do Rio de

Janeiro, precedido do prefixo que se tornaria célebre, composto de fanfarras e clarins, de autoria do Maestro Carioca” (VEJA, 08 / jan. / 1969, p. 57).

Com seu *slogan* de “Testemunha ocular da história”, o Repórter Esso, durante os vinte e sete anos em que esteve no ar, deu em primeira mão as principais notícias do Brasil e do mundo. A voz grave e modulada Heron Domingues, locutor exclusivo do Repórter Esso durante dezoito anos, tornou-se popular em todo o Brasil. Preparado pela UPI – United Press International, seguia as normas rígidas e funcionais dos noticiários radiofônicos norte-americanos. Aos poucos, várias emissoras brasileiras passaram também a transmitir o “Repórter Esso”, que foi extinto no dia 31 de dezembro de 1968. O programa era pontual, muita gente costumava acertar o relógio ao ouvir sua característica. “O ‘Repórter Esso’ constituiu uma revolução e uma semente benfazeja, que logo frutificou no rádio brasileiro”. (VEJA, 1969).

Em 1942, a Rádio Tupi de São Paulo também começa a sua tradição jornalística, colocando no ar o “Grande Jornal Falado Tupi”, criado por Coripeu de Azevedo Marques e Armando Bertoni, com uma hora de duração diária. O “Repórter Esso” e o “Grande Jornal Falado Tupi” foram marcos importantes para que o radiojornalismo brasileiro fosse encontrando sua definição, os caminhos de uma linguagem própria para o meio, deixando de ser apenas a “leitura ao microfone” das notícias dos jornais impressos.

No horário da manhã, o “Matutino Tupi”, também criado por Coripeu de Azevedo Marques, cuja primeira edição foi ao ar a 03 de abril de 1946, é outro marco importante. Foram dez mil, duzentas e oitenta e sete edições, a última a 31 de janeiro de 1977.

A “época de ouro” do rádio termina, coincidentemente, com o surgimento no Brasil de um novo meio: a televisão. Quando surge, ela vai buscar no rádio seus primeiros profissionais de comunicação, imita seus quadros e carrega com ela a publicidade. Para enfrentar a concorrência com a televisão, o rádio precisava procurar uma nova linguagem, mais econômica. (ORTRIWANO, 1985).

Aos poucos, ele vai encontrando novos rumos. No início, foi reduzido à fase do vitrolão: muita música e poucos programas produzidos. Como o faturamento era menor, as emissoras passaram a investir menos, tanto em produção quanto em equipamento e pessoal técnico e artístico. O rádio aprendeu a trocar os astros e estrelas por discos e fitas gravadas, as novelas pelas notícias e as brincadeiras de

auditório pelos serviços de utilidade pública. Foi se encaminhando no sentido de atender às necessidades regionais, principalmente ao nível da informação. Começa a acentuar-se a especialização das emissoras, procurando uma delas um público específico. Já não era mais possível manter produções tão caras quanto as do período anterior: a especialização vai se acentuando cada vez mais, principalmente nas grandes cidades. As emissoras situadas nas cidades de menor porte não puderam acompanhar essa tendência e tiveram que continuar mantendo o “trivial variado”. (ORTRIWANO, 1985).

O radiojornalismo ganha grande impulso. Um novo tipo de programação noticiosa foi lançado pela Rádio Bandeirantes, de São Paulo, em 1954, mostrando-se revolucionário e influenciando a programação das outras emissoras. A Bandeirantes, fez-se pioneira no sistema intensivo de noticiário... em que as notícias com um minuto de duração entravam a cada quinze minutos e, nas horas cheias, em boletins de três minutos. (ORTRIWANO, 1985).

Mas é na área da eletrônica que o rádio encontra seu mais forte aliado, que vai permitir que ele explore plenamente seu potencial: o transistor começa a revolucionar o mercado.

Esse componente eletrônico foi apresentado ao mundo em 23 de dezembro de 1947, pelos cientistas norte-americanos John Bardeen, Walter Brattain e William Schockley, que receberam o Prêmio Nobel de Física em 1956. (ORTRIWANO, 1985).

Das produções caras, com multidões de contratados, o rádio parte agora para uma comunicação ágil, noticiosa e de serviços. Aliado a outros avanços tecnológicos, o transistor deu ao rádio sua principal arma de faturamento: é possível ouvir rádio a qualquer hora em qualquer lugar, não precisando mais ligá-lo às tomadas. Já no final do decênio, em 1959, o rádio brasileiro está em condições de acelerar sua corrida para um radiojornalismo mais atuante, ao vivo, permitindo que reportagens fossem transmitidas diretamente da rua e entrevistas realizadas fora dos estúdios. Com os aperfeiçoamentos verificados na parte eletrônica das estações móveis – carros com transmissores volantes – em muito se reduziu o volume e o peso dos equipamentos técnicos, com sensível melhora, também, na qualidade da transmissão. As emissoras de maior porte passam a utilizar cada vez mais acentuadamente as unidades móveis, agilizando a transmissão da informação. (ORTRIWANO, 1985).

Outro passo para que o rádio tentasse deixar de perder terreno para a televisão, também foi dado em 1959. A Rádio Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, lança um tipo de programa que seria depois adotado pelas emissoras de todo o país: os serviços de utilidade pública. A inovação foi introduzida pelo jornalista Reinaldo Jardim, que teve como objetivo restabelecer o diálogo com os ouvintes. Inicialmente, o Serviço de Utilidade Pública surgiu nas rádios divulgando notas de “achados & perdidos”. Posteriormente, os serviços vão se ampliando, chegando a criar setores exclusivos dentro das emissoras. Nessa mesma linha, a Rádio Panamericana, de São Paulo, instalou um serviço particular de meteorologia. Outras emissoras dão as condições das estradas, ofertas de emprego dentre outros assuntos. (VEJA, 1970).

Na mesma época, a Rádio Tamoio, também no Rio de Janeiro, procurava outra alternativa para as rádios: introduz o esquema de “música exclusivamente música”, planejado por José Mauro. Estas duas alternativas passam a caracterizar a programação radiofônica nos anos 60.

A tendência à programação musical torna-se cada vez mais acentuada dentro de determinado tipo de emissoras, que alcança inclusive grande sucesso comercial. A Rádio Excelsior, de São Paulo, lança sua *new face* em 1968 e durante muitos anos permanece como emissora exclusivamente musical. (VEJA, 1970).

Ainda no decênio de 60, começam a operar as primeiras emissoras em FM – frequência modulada. Inicialmente fornecem “música ambiente” para assinantes interessados em ter um *back-ground* que parecesse apropriado ao tipo de ambiente, “desde melodias suaves para hospitais e residências até música alegre e estimulante para indústrias e escritórios”. Nos últimos anos, as emissoras FM têm sido as responsáveis por uma ebulição no meio que o rádio não conhecia desde o surgimento da televisão, no início dos anos 50.

A primeira emissora brasileira a explorar esse serviço foi a Rádio Imprensa, do Rio de Janeiro. Posteriormente, já no decênio de 70, esse tipo de transmissão utilizaria canais abertos, surgindo um número bastante elevado de emissoras operando em FM, todas voltadas para a programação exclusivamente musical. A primeira emissora a operar exclusivamente nas ondas da frequência modulada foi a Radia Difusora de São Paulo – FM. Mas há os que contestam a primazia da Difusora nesse setor, uma vez que a Rádio Eldorado de São Paulo, quando foi fundada, em 1958, transmitia em ondas médias e por questão de prestígio usava também a FM para transmitir só música, fora da faixa comercial. (VEJA, 1970),

Um outro grupo de emissoras começa a dar ênfase à programação mais “falada”, que buscava reencontrar o diálogo com o público. Surgem programas de troca de informações, como o “Show da Manhã”, na Rádio Panamericana, de São Paulo, onde o locutor Kalil Filho montou uma verdadeira rede de troca de informações, que iam desde receitas culinárias a fontes de pesquisa para trabalhos escolares. A mesma Panamericana cria, em 1967, uma equipe de jornalismo bem estruturada, que faz com que a imagem da própria emissora mude, de esportiva, para jornalística e de prestação de serviços. A reportagem de rua é intensificada, e a informação passa a estar presente não mais em horários fixos, mas no momento em que o fato acontece, a qualquer hora do dia ou da noite. (VEJA, 1970).

De acordo com depoimentos de Walter Guerreiro, em *A informação no rádio de Ortriwano* (1985), em 12 de maio de 1969 é criada a Rádio Mulher, de São Paulo, a primeira emissora brasileira a se especializar exclusivamente em assuntos femininos, fundamentada em moldes norte-americanos e europeus. A base de sua programação eram assuntos como moda, horóscopo, música romântica, consultórios e outros. (ORTRIWANO, 1985).

A partir de meados de 70, começa a transformação para que o rádio conseguisse sair definitivamente do marasmo em que caiu a partir dos anos 50. A tendência à especialização mostrou-se cada vez maior. As emissoras passaram a identificar-se com determinadas faixas sócio-econômica-culturais, procurando dirigir-se a elas e buscando sua linguagem nos próprios padrões das classes que desejavam atingir.

Com o aumento da potência das emissoras pequenas e a criação de muitas novas, surge uma segunda etapa no processo de especialização: as grandes emissoras tentam ganhar os diversos segmentos de público, mantendo programas que atinjam diferentes faixas, em diferentes horários. (ORTRIWANO, 1985).

As emissoras voltadas para a informação ampliaram mais seus serviços, intensificando o uso das unidades móveis de transmissão, com participação cada vez maior do repórter ao vivo, dizendo onde está, o horário, improvisando suas falas. Em 1980, a Rádio Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, parte para uma programação baseada na dinâmica dos fatos, com informação ao vivo, aproximando-se da rádio *all news* nos moldes norte-americanos, em que as notícias constituem o “prato de resistência”. (ORTRIWANO, 1985).

O Governo mostra sua preocupação em relação à expansão e ao conteúdo da radiodifusão sonora, criando, em 1976, a Radiobrás – Empresa Brasileira de

Rádiodifusão. Pela lei que instituiu, a Radiobrás tem como finalidades básicas: organizar emissoras, operá-las e explorar os serviços de rádiodifusão do Governo Federal; montar e operar sua própria rede de repetição e retransmissão de rádiodifusão, explorando os respectivos serviços; realizar a difusão de programação educativa, produzida pelo órgão federal próprio, bem como produzir e difundir programação informativa e de recreação; promover e estimular a formação e o treinamento de pessoal especializado, necessário às atividades de rádiodifusão e prestar serviços especializados no campo da rádiodifusão. Atualmente, o Sistema Radiobrás é formado por trinta e oito emissoras de rádio e uma de televisão, atendendo a duas prioridades em suas transmissões: a região Amazônica e o serviço internacional. A Rádio Nacional de Brasília transmite para o exterior noticiário sobre o Brasil em inglês, alemão, castelhano, francês e português. (ORTRIWANO, 1985).

No final do decênio de 70, algumas emissoras de São Paulo sentiram a necessidade de se unir para melhor poderem agir no sentido de expandir o meio. Assim, com a finalidade de defender os interesses de suas associadas, foi fundada a 18 de julho de 1980 a Sociedade Central de Rádio. Entre os objetivos da entidade estão o fortalecimento da imagem do rádio, melhor comunicação com o mercado, mudança na metodologia de pesquisa de audiência, centralização das informações sobre o meio e a procura da valorização comercial. (ORTRIWANO, 1985).

Uma outra inovação nascida nos anos 70 foram as agências de produção radiofônica, que produzem programas com artistas famosos e assuntos de interesse do momento, vendendo as gravações para emissoras de menor porte, que não têm condições de realizar produções desse tipo. É o caso do Studio Free, que atinge mais de quatrocentas emissoras em todo território nacional. Mediante contrato remunerado com as emissoras, o Studio fornece a programação e também o patrocinador, com o objetivo de levar às pequenas emissoras uma programação atualizada, com *cast* sem ultrajar as características locais de cada rádio. (ORTRIWANO, 1985).

Outro exemplo é a Rede L & C de Rádio. Fundado em 1969, mas apresentada com rede apenas em 1982, é considerada pioneira na produção de programação integrada, atendendo a cerca de oitenta emissoras (AM e FM). Em agosto de 1983, a L & C lançou o primeiro Jornal Nacional de Rádio, transmitido por sessenta emissoras implantadas em dezesseis Estados, via Embratel. Para Luís Casali, um

dos proprietários da L & C, a rede vende um comercial dentro de uma programação que o anunciante já conhece, dando-lhe maior segurança e credibilidade.

Uma série de recentes aperfeiçoamentos tecnológicos tem permitido que o rádio consiga cada vez melhores condições de transmissão, ressaltando sua potencialidade como meio.

Nos últimos dias de 1982, a Rádio Jornal do Brasil FM, do Rio de Janeiro, tornava-se a pioneira na utilização do *compact disc audio digital*, ou seja, o disco digital com leitura a laser. A partir de 11 de abril de 1983, também a Rádio Cidade, do mesmo grupo, passava a usar o sistema. E, a 12 de março de 1984, era a vez da Rádio Cultura FM, de São Paulo. Entre as vantagens do *compact disc audio digital* estão o registro de todas as freqüências sonoras, a separação mais nítida dos canais de estéreo, a diminuição da distorção, ao mesmo tempo que não há desgaste, qualquer que seja o número de vezes que o disco é executado: a reprodução do som é feita mediante leitura ótica, a raio laser. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1984).

Outra renovação tecnológica é a possibilidade de transmissão por ondas médias com som estéreo, o AM estéreo. Nos Estados Unidos estão sendo realizadas algumas experiências e, aqui no Brasil, já há emissoras interessadas na implantação do AM estéreo, que permite oferecer um som de melhor qualidade, equiparável ao das FM. (ORTRIWANO, 1985).

E, embora ainda pouco utilizados pelo rádio em transmissões nacionais ou internacionais, os sistemas de comunicação por satélite são uma realidade, agilizando o processo e possibilitando a concretização das grandes redes emissoras com programação unificada e simultânea. (ORTRIWANO, 1985).

Pelo breve histórico do desenvolvimento do rádio no Brasil, podemos verificar que o processo segue paralelo ao do próprio desenvolvimento do país. O rádio de caráter nacional, com a programação de uma única emissora atingindo diretamente todo o território, deixou de ter razão de existir, voltando-se mais para os aspectos regionais, ligado à comunidade em que atua. A rigor, podemos considerar que nunca o rádio brasileiro chegou a ter características realmente nacionais, com exceção de umas poucas emissoras, como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Hoje em dia, a interligação se faz através de emissoras regionais, “num intercâmbio de informações que se processa no ar, em sistema de integração instantânea”, como diz André Casquel Madrid, que continua: A nova modalidade

estabelece uma rede de notícias, que possibilita às audiências... o contato imediato com a realidade nacional, a visão do universo de fatos que se desenrolaram nas principais regiões do País, o conhecimento dos problemas de cada Estado da União. O rádio, através da informação, presta um novo serviço de Unidade Nacional. (MADRID, 1972).

De maneira geral, há uma forte dependência aos centros de desenvolvimento do sistema econômico vigente no país, uma vez que o rádio – falando só das emissoras comerciais – vive exclusivamente do faturamento originado pela publicidade.

“Assim, ele cresceu quando a publicidade precisou dele, definiu quando ela pôde lançar mão de outros meios e agora recupera-se porque o sistema mercantil pressente que seu uso volta a ser importante para alcançar maior mercado consumidor. O que tem regido, portanto, a expansão do rádio não são os interesses e necessidades da população, mas a ganância comercial, o que explica a alienação de seu conteúdo sobre os problemas imediatos”. (MOTTA, 1979, p. 59).

Dentro da tendência cada vez mais marcante de especialização das emissoras, podemos identificar duas correntes:

- emissoras que se especializam em oferecer programação para uma faixa determinada de público, dando opção aos anunciantes, cujos produtos possam interessar aquele público;
- emissoras especializando diferentes horários de sua programação para diferentes faixas, visando a atingir o maior público possível, ou seja, oferecendo opções para todo tipo de anunciante.

A especialização, que de certa forma sempre existiu, uma vez que é impossível cobrir bem todos os campos de atividade, apenas se acentuou, principalmente a partir da implantação e do desenvolvimento das emissoras FM, acabando por mostrar-se uma fórmula eficaz para que o rádio pudesse encontrar outra vez o caminho da expansão. “Definindo seus próprios caminhos, o rádio brasileiro distanciou-se do fausto, aproximando-se de um ideário muito simples: mais faturamento com menos gasto”. (VISÃO, 1976).

A especialização para garantir a sobrevivência não foi o caminho encontrado apenas pelo rádio, mas, no entender do sociólogo Gabriel Cohn (1976, p. 62), de todos os meios que compõem a chamada “indústria cultural”, ou seja, “o conjunto articulado de todos os meios de comunicação; é o conjunto de todas as grandes empresas, incluindo rádio, TV, disco, livro, revista e outros”. E a especialização acabou ocorrendo pela necessidade de atender ao mercado, onde existem diversas

faixas sócio-econômicas que precisam ser exploradas adequadamente. (TÁVOLA, 1983).

A procura de campo para se expandir, por meio da especialização, acabou por estabelecer duas tendências nítidas no rádio de hoje em dia. Távola (1983) as chama de “Rádio de Alta Estimulação” e “Rádio de Baixa Estimulação” e assim as caracteriza:

Quadro 1: Caracterização da rádio de Alta Estimulação e rádio de Baixa Estimulação

Rádio de Alta Estimulação	Rádio de Baixa Estimulação
É mobilizador.	Desmobilizante; é um rádio de lazer.
Uso de estímulos sonoros permanentes.	Baixo uso de estímulos sonoros, pois opera justamente sobre quem quer se desligar da intensa participação na sociedade moderna.
Caráter de urgência: aqui e agora, o fato e a notícia.	É menos urgente.
Muito serviço e esporte.	Pouca atividade de serviço.
Proximidade da comunidade.	Uso de uma fala ainda elaborada e distante do colóquio.
Comunicadores individualizados (em geral disc-jóqueis famosos).	Comunicadores não individualizados; raramente se conhece o nome e a vida de seus locutores.
Tem elenco e produtores.	Radiojornalismo generalizante com notícias em forma de pequenas manchetes.
Humor e descontração	Quase nunca personaliza seu ouvinte, salvo em escolhas de discos em moda por telefone.
Sempre que pode, personaliza o ouvinte.	A participação vem através da música contemporânea e seus principais temas em voga.
Trabalha permanentemente com análises de audiência.	Promove uma sensação de <i>status</i> para seus ouvintes.
Estimula o sentimento de solidariedade e participação nos principais acontecimentos da comunidade	Seriedade e distanciamento.
Proximidade da cultura popular e de base brasileira.	Tende para a cultura de classe média e de base estrangeiro.

TÁVOLA, Artur da. Um veículo forte à espera de programas criativos. In: **Cadernos de Jornalismo**. 2 ed., Porto Alegre, n. 1, s/d., p. 16.

Essas tendências, também chamadas de rádio de mobilização e rádio e relaxamento (ou desmobilização), representam uma linha geral e demarcatória do rádio contemporâneo.

O rádio de mobilização procura tornar o ouvinte participante da transmissão, mantendo um ritmo sempre dinâmico. O jornalismo é incentivado e o critério da

“proximidade” ganha destaque, com o noticiário tendendo para assuntos locais e para a prestação de serviços à comunidade.

No extremo oposto, está o rádio de relaxamento, “feito para desmobilizar quem já foi exageradamente mobilizado por tipo de vida de muito trabalho, de muito *stress*, muito ruído, barulho e violência”. O jornalismo, nesse caso, é diminuído na sua ênfase, apresentando notícias internacionais, notícias gerais. (TÁVOLA, 1983).

De maneira geral, o rádio de mobilização está voltado para a fala, enquanto o rádio de relaxamento tende para a música.

Távola (1983) acredita que, depois da tendência do rádio extremamente cristalizado, tudo prontinho, tudo gravado, tudo feito de antemão, voltou à fase do rádio ao vivo, porque nada substitui o ministério do instantâneo, a pulsão do instante que passa. O instante que passa está carregado de mistério; tudo pode acontecer no instante. E, somente ao vivo, o rádio pode transmitir, o “instante que passa” no momento exato em está passando.

3. 1. 1 Situação da radiodifusão atual

Entre os meios de comunicação de massa, o rádio é, sem dúvida, o mais popular e o de maior alcance público, não só no Brasil como também em todo o mundo. Os números fornecidos pela pesquisa realizada pela SSCB & Lintas, em 1979, comprovam a predominância do rádio em relação aos outros meios de comunicação de massa. “Para uma população de cento e dezenove milhões e seiscentos mil habitantes, possui, o Brasil, vinte e quatro milhões e seiscentos mil lares, dispostos em três mil, novecentas e cinqüenta cidades. O rádio cobre 95% da população urbana e 70% da rural. Esta última só é atingida também pela televisão (10%), não dispondo de revistas, jornais e cinemas. Do total de vinte e quatro milhões e seiscentas mil residências, o rádio chega a vinte e um milhões e cem delas (quatorze milhões e oitocentas mil nas cidades e seis milhões e trezentas mil no campo). Existem mil duzentas e sessenta e quatro emissoras, sendo mil e cinqüenta em AM e cento e noventa e seis em FM. Em números absolutos, há trezes milhões e quatrocentos mil lares brasileiros com aparelhos de televisão nas zonas urbana e

rural. Exclusivamente nas cidades, os números de exemplares por mês são: jornais, cento vinte e sete milhões e revistas, vinte milhões e quinhentos mil¹².

Os dados apresentados pelas diversas fontes existentes não são coincidentes, mas mostram que o Brasil ocupa um lugar privilegiado dentro do panorama da radiodifusão sonora mundial, tanto com relação ao número de emissoras como de aparelhos receptores, de público e de verbas publicitárias.

O Brasil ocupa o segundo lugar no quadro mundial quanto ao número de emissoras instaladas, superado apenas pelos Estados Unidos, onde estão em atividade nove mil, quatrocentas e vinte uma estações¹³. Segundo dados do Ministério das Comunicações, em julho de 1980, estavam em operação no Brasil mil cento e cinquenta e uma emissoras em ondas médias, frequência modulada, ondas curtas e ondas tropicais.

Quanto ao número de aparelhos receptores, dados da Lintas para 1980 / 1981 demonstram a existência de quarenta e um milhões, trezentos e cinquenta e oito mil e quinhentos, distribuídos em vinte milhões, cento e trinta e quatro mil e setecentas residências, o que dá ao Brasil o quarto lugar no panorama mundial.

A população atingida pelo rádio, acima de quinze anos de idade, chega a sessenta e um milhões, setecentos e cinquenta mil, o que coloca o Brasil em terceiro lugar.

Segundo a Sociedade central de Rádio, a participação do meio no total das verbas publicitárias chega a 16%, o que lhe dá o primeiro lugar no mundo e, com relação ao total da verba investida, ele consegue a quinta colocação, tendo recebido trezentos e vinte e oito milhões de dólares em 1979.

Tabela 1: Classificação do Brasil no quadro mundial em relação ao rádio / 1979

Número de emissoras	1.151	2º
Número de aparelhos receptores	41.358.500	4º
População coberta	61.750.000	3º
Participação na verba	16%	1º
Verba (1979)	US\$ 328.000.000	5º

¹² Estes dados, apesar de desatualizados, permitem uma comparação entre os diferentes meios. Foram extraídos de Erbolato, Mário L. A radiodifusão brasileira. In: **Comunicação e Sociedade**, n. 4, out. 1980, p. 134.

¹³ Segundo levantamento da FCC (Federal Communications Commission) datado de 30 de junho de 1980.

Para se fazer uma avaliação do potencial da radiodifusão sonora no Brasil, o número de emissoras existentes e sua distribuição pelas diversas regiões do país fornecem elementos significativos.

De acordo tabela 1 estão instaladas mil, cento e cinqüenta e uma emissoras de radiodifusão sonora, o que representa 36% do total de canais disponíveis. Esse percentual sobe para 46% se acrescentarmos as trezentas e sete emissoras em fase de instalação. Além disso, existem cento e quatorze canais com editais de concorrência em aberto.¹⁴

Tabela 2: Condições de emissoras de rádio no Brasil / 1980¹⁵

Condições	Tipos de Emissoras				Total	
	AM	FM	OC ¹⁶	OT ¹⁷	N. A. ¹⁸	%
Instalados	880	152	35	84	1.151	36
Em instalação	149	134	4	20	307	10
Canais Disp. Privados	348	364	0	511	1.223	38
Governos	30	342	0	1	373	12
Editais em Aberto	63	49	0	2	114	4
Total	1.470	1.041	39	618	3.168	100

Fonte: Abert / Ministério das Comunicações – junho / 1980

Na tabela 2 o maior bloco de emissoras é o das AM (ondas médias): oitocentos e oitenta emissoras no ar, cento e quarenta e nove em instalação e sessenta e três editais em aberto. Em seguida estão as emissoras FM (freqüência modulada), com cento e cinqüenta e duas no ar, cento e trinta e quatro em instalação e quarenta e nove editais em aberto e ainda temos trinta e cinco emissoras OC (ondas curtas) e oitenta e quatro OT (ondas tropicais) funcionando.

Dos 50% representados pelos canais ainda disponíveis, 38% se destinam à exploração pelo sistema comercial e 12% pelo sistema estatal.

Com relação à distribuição das emissoras AM pelo território brasileiro, a situação é a seguinte:

¹⁴ Os dados com relação ao número de emissoras são os divulgados pelo Ministério das comunicações em 1980.

¹⁵ Estes dados estão desatualizados por não encontrar em fontes seguras dados mais recentes.

¹⁶ Ondas Curtas.

¹⁷ Ondas Tropicais.

¹⁸ Números Absolutos.

No que se refere aos canais AM disponíveis (TABELA 3), nota-se uma preocupação do Governo em ampliar o número de emissoras no Norte e no Nordeste do país, com 57% deles destinando-se a essas regiões. Com relação aos canais em operação, o Norte e Nordeste somam 21% do total.

Se focalizarmos apenas os canais AM já ocupados, vamos encontrar a grande concentração nas regiões Sudeste (38%) e Sul (33%), perfazendo 71% do total das emissoras instaladas no Brasil. Em compensação, dos canais disponíveis, apenas 29% estão destinados a essas regiões. (TABELA 3).

Tabela 3: Distribuição de emissoras AM por região no Brasil

Regiões	Canais ocupados		Canais disponíveis		Total	
	N. A.	%	N. A.	%	N. A.	%
Norte	46	4	96	27	142	10
Nordeste	197	17	107	30	304	20
Sudeste	428	38	61	17	489	33
Sul	363	33	39	12	402	27
Centro-oeste	92	8	50	14	142	10
Total	1.126 ¹⁹	100	353 ²⁰	100	1.479	100

Fonte: Abert – Ministério das Comunicações – março / 1981

Tabela 4: Distribuição de emissoras FM por região no Brasil

Regiões	Canais ocupados		Canais disponíveis		Total	
	N. A.	%	N. A.	%	N. A.	%
Norte	9	3	40	6	49	5
Nordeste	47	13	202	30	249	24
Sudeste	198	54	255	38	453	43
Sul	89	24	137	20	226	22
Centro-oeste	23	6	39	6	62	6
Total	366 ²¹	100	673 ²²	100	1.039	100

Fonte: Abert / Ministério das Comunicações – março / 1981

¹⁹ 911 “no ar” / 132 “em instalação” / 83 “editado em aberto”.

²⁰ 323 “atividade privada” / 30 “governo”.

²¹ 189 “no ar” / 130 “em instalação” / 47 “editado em aberto”.

²² 331 “atividade privada” / 342 “governo”.

Quanto aos canais FM já ocupados, conforme a tabela 4, a maior concentração se registra nas regiões Sudeste (54%) e Sul (24%), totalizando 78%. A disponibilidade, por sua vez, concentra-se nas regiões Sudeste (38%), Nordeste (30%) e Sul (20%).

A preocupação do Governo com os canais FM disponíveis fica evidente: 12% (em números absolutos, trezentos e quarenta e dois) se destinam à exploração estatal. (TABELA 2).

A situação dos municípios com outorgas para serviços de radiodifusão é o seguinte: a região Sudeste possui duzentos e setenta e sete municípios com emissoras em AM, oitenta e três com FM, trinta e um com ondas tropicais, cinco com ondas curtas e dezessete emissoras geradoras de televisão; na região Sul, duzentos e quarenta e dois municípios têm emissoras AM, trinta e dois em FM, dois em ondas tropicais, quatro em ondas curtas e vinte e cinco com estações de televisão; o Nordeste tem cento e cinco municípios com emissoras em AM, dezesseis em FM, vinte e um em ondas tropicais, quatro em ondas curtas e nove estações de televisão; o Centro-Oeste possui cinqüenta e um municípios com emissoras operando em AM, nove em FM, doze em ondas tropicais, dois com emissoras em ondas curtas e seis com geradoras de televisão; na região Norte, vinte e dois municípios têm emissoras AM, quatro em FM, dezesseis em ondas tropicais, um com emissora em ondas curtas e sete com estações geradoras de televisão.

O Brasil ocupa o quarto lugar no mercado mundial de aparelhos receptores de rádio, conforme a tabela 5 a seguir.

Tabela 5: Situação do Brasil no mercado mundial de aparelhos de rádio

	(milhões)
Estados Unidos	444
Japão	98,8
Reino Unido	50,6
Brasil	41,5
França	34

Fonte: Sociedade Central de Rádio

Segundo Ortriwano (1985) a tabela apresentado anteriormente descreve que dos quarenta e um milhões, trezentos e cinqüenta e oito mil e quinhentos receptores

detectados pelos resultados da pesquisa da Lintas²³, 71% estão concentrados na área urbana e 29%, na área rural. O rádio está presente em vinte milhões, cento e trinta e quatro mil e setecentos domicílios, havendo uma estimativa da existência de 2,3 aparelhos receptores por residência.

3.2 O Rádio AM como Instrumento de Educação para o Aleitamento Materno

Cunha (2000) afirma que, a função educativa do enfermeiro tem especial significado uma vez que lida com a transmissão de conhecimentos para a clientela, direcionando-a para ter uma vida melhor. São muitas as formas de educar a população e orientar a comunidade nos cuidados básicos para promoção da saúde e prevenção de doenças. A enfermeira no seu papel de educadora deve preparar-se para desempenhá-lo de tal modo que possa atingir diferentes pessoas, de diferentes níveis de escolaridade e conhecimentos, em diferentes lugares, em diferentes épocas. Constitui-se, pois, um grande desafio, uma vez que a população brasileira, em sua maioria carente de assistência básica à saúde, necessita de comunicação precisa e adequada, que seja transmitida rapidamente e atinja o objetivo de mudança do comportamento em saúde.

A comunicação, uma necessidade humana básica, tem sido hoje enfatizada como um dos mais importantes instrumentos para o preparo de líderes deste novo milênio. Na enfermagem é enfatizada como um instrumento básico que a enfermeira utiliza para desenvolver e aperfeiçoar o saber fazer. É pois imperativo que este profissional melhore a sua comunicação e a utilize em todas as suas formas para atingir a população. (CUNHA, 2000).

Os meios de comunicação, principalmente a imprensa falada, destacam-se na perspectiva de educação à comunidade, pelo seu grande poder de penetração em regiões remotas. Dentre estes, o rádio assume papel de destaque na disseminação de informações, pois é o que mais ouvintes têm, pela facilidade de transmissão e necessidade de equipamentos simples como o famoso “radinho de pilhas”, tão presente na cultura do nosso país. Utilizar este meio de comunicação para divulgar saúde é pois o que já fazem outros países desenvolvidos, com enorme sucesso.

²³ Números fornecidos pela pesquisa realizada pela SSCB & Lintas em 1979.

Devido à facilidade de acesso, ao alto nível de cobertura e à sua flexibilidade, o rádio oferece grandes possibilidades para a educação à distância, ao desenvolver programas formais e não-formais.

Seu amplo alcance, diversificação e baixo custo fazem com que o rádio seja o meio utilizado com mais frequência nos projetos de desenvolvimento social. (CITELLI, 2000).

Todas as emissoras de rádio de um país em desenvolvimento deveriam ter, como primeiro compromisso, a educação. Portanto, “a educação deveria estar implícita na programação em forma de lazer, informação ou persuasão. Nem as mensagens comerciais devem escapar a essa regra”. (SANTOS, 1985, p. 59).

Para ter compromissos educacionais com o povo, uma emissora não precisa produzir programas didáticos e, algumas vezes, desinteressantes. Basta haver um compromisso cultural e psicológico com a realidade do meio, e considerar a educação como elemento essencial para o desenvolvimento da sociedade.

Ao referir-se ao rádio como grande meio de comunicação de massa que é, este trabalho propõe um programa intitulado “O rádio como meio de educação para o aleitamento materno”, que deverá ir ao ar em uma emissora AM da cidade de Feira de Santana, com veiculação duas vezes por semana, com duração preferencial de três minutos, nos horários compreendidos entre seis e nove horas da manhã (horário de preferência da nossa clientela da zona rural, observado “*in loco*” durante dois anos, enquanto docente).

Berelson (1964, p. 55) ressalta a superioridade do rádio como veículo de persuasão em relação aos periódicos: “a maior eficácia do rádio deve-se, até certo ponto, ao seu maior personalismo. O rádio nos fala mais que o periódico. Aproxima-se mais para a conversa pessoal e, por isso, pode ser mais persuasivo”.

Augras (1970, p. 60) afirma que, “pelo envolvimento emocional que sugere, pelo acompanhamento do acontecimento, o rádio permanece entre os meios de comunicação de massa que mais contribuem para a formação de opinião, mormente nos países e regiões em que é escasso o acesso a outras fontes”.

No rádio, cada minuto é contado e, por isso, o programa precisa ser denso, com cada detalhe sendo preparado com cuidado. Não se esquecendo de que, em Feira de Santana, 80%²⁴ da sua população ouve, cotidianamente, rádio para receber

²⁴ Pesquisa realizada pela Rádio Sociedade AM, Feira de Santana – Bahia, julho de 2001.

informações. Neste sentido, apesar dela ser uma sociedade dominada pelo poder econômico é preciso medir bem cada palavra usada, pois elas chegarão aos mais diferentes ouvintes.

O citado programa será também oferecido à Universidade Estadual de Feira de Santana, que ciente de seu papel social na transmissão de conhecimentos, provavelmente buscará investir em rádio comunitária para preencher uma lacuna – a falta de uma emissora de rádio – já que esta possui um canal de televisão a “TV Universitária” (TVU).

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de Estudo

Será usado o estudo qualitativo, pelo fato desta abordagem constituir-se, segundo Minayo (1994, p. 21/22), em “uma maneira de responder questões muito particulares, de compreender os significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, sendo um aprofundamento das relações dos processos e dos fenômenos em estudo, que não podem ser qualificados ou reduzidos à operação de variáveis”. O tema focado será o Aleitamento Materno, sua eficácia e proteção, e o uso da mídia, especificamente, o rádio AM, como meio de promoção e apoio.

4.2 Campo de Investigação

Escolheu-se como campo de estudo dois hospitais públicos da cidade de Feira de Santana – Bahia: o Hospital Inácia Pinto dos Santos – HIPES ou Hospital da Mulher e o Hospital Geral Clériston Andrade – HGCA. Porém, faz-se inicialmente uma breve contextualização do município de Feira de Santana, para um melhor entendimento.

Feira de Santana, conhecida como Princesa do Sertão, localiza-se na divisa do recôncavo com o Sertão, ao leste do estado da Bahia, sendo ponto de passagem obrigatório de Norte a Sul do país, por situar-se no entroncamento de estradas. É um município considerado como o segundo pólo econômico do Estado e possuidor de diversas atividades, como agricultura, pecuária, comércio e indústria. (ASSIS, 1998).

Feira de Santana possui uma população aproximada de 470.719 habitantes, conforme seu Anuário Estatístico (1999), constituindo-se o segundo município mais populoso do Estado da Bahia. Mantém-se a 110 Km de distância da capital, com uma extensão territorial de 1.244 Km², dividida em oito distritos: Feira de Santana (Distrito-sede), Humildes, Tiquaruçu, Bomfim de Feira, Jaíba, Jaguará, Maria Quitéria e Governador João Durval, antigo Ipuacu. Limita-se ao norte com os municípios de Santanópolis, Tanquinho e Candeal; ao sul, com os municípios de Antônio Cardoso e São Gonçalo dos Campos; ao leste com Coração de Maria,

Conceição do Jacuípe e Santo Amaro e, finalmente, ao oeste com os municípios de Angüera, Serra Preta e Ipecaetá.

Integrado ao processo nacional de municipalização das ações e serviços de saúde, a partir de 1997, este município começa a trabalhar em regime de Gestão Plena de Atenção Básica, tornando-se responsável pela gestão da assistência, bem como pelo atendimento básico à saúde de sua população, definidos os convênios de compra de serviços aos prestadores de atenção à saúde, através da Secretaria Municipal de Saúde.

A seguir são caracterizados os dois campos de estudo.

O Hospital Inácia Pinto dos Santos (HIPES), também denominado de Hospital da Mulher – caracteriza-se como instituição de esfera municipal, sendo construído no governo municipal do Dr. Colbert Martins da Silva, gestão de 1989 – 1992.

O seu processo de implantação e funcionamento é marcado pela aprovação de Lei nº 1384/91 de 03 de abril de 1991; o referido hospital passou a funcionar a partir de 30 de janeiro de 1992, gerenciado pela Fundação Jackson do Amauri.

O Hospital da Mulher é uma instituição de saúde do SUS e mantém convênio com Cassi / Banco do Brasil, Telemar e Unimed. Presta atendimento a mulheres procedentes de todo o município, com serviços ambulatoriais e hospitalares, no âmbito gineco-obstétrico.

Dentre as unidades de internação, o Hospital da Mulher dispõe de três enfermarias com sessenta e três leitos, sistema de alojamento conjunto (mãe e filho), oito leitos especiais para isolamento, e três de acolhimento a mães em alta e RN (recém-nato) no berçário, dez apartamentos, um centro cirúrgico e um centro obstétrico com unidade de neonatologia composta de sete leitos para recém-natos infectados, cinco para recém-natos de alto risco, e uma unidade de terapia intensiva neonatal com sete leitos.

Em relação a recursos humanos, trabalham no HIPS, um total de duzentos e quarenta e três trabalhadores de diversas categorias profissionais, sendo que, destes, trinta e quatro atuam no ambulatório, e o restante no setor de internação.

O HIPS dispõe, ainda, de serviço de Banco de Leite Humano e Centro de Incentivo ao Aleitamento Materno.

Uma das importantes particularidades do HIPS é o convênio que mantém com a Universidade Estadual de Feira de Santana, em virtude da necessidade de campo de prática para os cursos da área de saúde.

O HIPS implantou alguns serviços como:

- Disque Parto (0800 752222), objetivando assistir a parturiente com reserva de vaga, “melhorar o sistema de atendimento à parturiente que procura o serviço, evitando deslocamentos desnecessários, e oferecer à usuária assistência personalizada, passando-lhe informações necessárias a seu atendimento e internação”. Para tanto, dispõe de uma ambulância destinada ao transporte de mulheres em trabalho de parto para o hospital. A reserva de vaga tem prazo de duas horas e, em caso de vaga não disponível, a parturiente é orientada a procurar outro serviço de referência.
- Volta ao lar, que tem como objetivo prestar serviço à comunidade, humanizando o atendimento, oferecendo transporte para as puérperas às suas residências, sendo acompanhadas, durante o trajeto, por um funcionário da instituição. O serviço é disponível apenas às puérperas atendidas no HIPS residentes em Feira de Santana, sede e distritos. Funciona diariamente, inclusive aos domingos e feriados.
- Transmissão vertical do HIV no município de Feira de Santana, tendo como objetivo implementar as ações de prevenção e assistência às gestantes em relação ao HIV/AIDS; reduzir a transmissão vertical do HIV, melhorar a operacionalização do pré-natal. (COSTA, 2001).

O Hospital Geral Clériston Andrade (HGCA), também situado em Feira de Santana – Bahia, é de abrangência regional e presta atendimento à clientela da cidade onde está localizado e a de sua microrregião. Possui planta física de caráter modular, atualmente com cinco módulos. O primeiro módulo é usado pela administração, no segundo, funcionam o Banco de Leite Humano e o Centro de Referência sobre o aleitamento materno, no terceiro, estão os serviços de Radiologia, Fisioterapia, Laboratório, UTI, Centro Cirúrgico e Obstétrico e Berçários, no quarto as unidades de Internação-clínicas Cirúrgica, Médica, Materno-Infantil e Pediátrica, e no quinto, Farmácia, Central de Material esterilizado, Serviço de Higiene, Nutrição e Social, Almoxarifado; Refeitório e Lavanderia.

O Hospital Geral Clériston Andrade possui 118 leitos para internação, sendo que trinta deles são destinados a ginecologia, obstetrícia e pacientes especiais (eclampsia, infecção, retenção de parto pré-maturo).

Esse hospital é mantido pelo governo do Estado e pelo Sistema Único de Saúde.

O HGCA serve como campo de atuação para residência dos alunos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana.

No meado da década de 90, os respectivos hospitais receberam o título de Hospital Amigo da Criança, outorgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas pela Infância (UNICEF).

A iniciativa Hospital Amigo da Criança tem por objetivo a promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno, através da mobilização dos serviços obstétricos e pediátricos de hospitais, mediante a adoção dos “Dez Passos para o Sucesso do Aleitamento Materno”. Esse código de conduta foi acordado pelo Brasil na “Declaração de Innocenti”, em 01 de agosto de 1990, durante encontro entre formuladores de políticas de saúde de governos, agências bilaterais e organismos internacionais.

Tal iniciativa delinea um importante papel que os hospitais podem desempenhar a fim de tornar o aleitamento materno uma prática universal, contribuindo significativamente para a saúde e desenvolvimento de milhões de bebês em todo o mundo. No Brasil, ela vem sendo implementada por intermédio do Ministério da Saúde e do Grupo de Defesa da Saúde da Criança, com o apoio do UNICEF e OMS/OPAS.

O processo de avaliação para um hospital ser designado “Amigo da Criança” conta com quatro instrumentos básicos aqui destacados. (BRASIL, 1993).

1. Os Critérios Globais: constituem-se nos padrões internacionais mínimos para a proteção e promoção do aleitamento materno em serviços materno-infantis, consubstanciados nos quadros com os resumos de cada um dos Dez Passos.
2. Questionário de Auto-Avaliação: por meio deste instrumento, pretende-se que o hospital faça uma análise da eficácia de suas práticas. As perguntas foram estruturadas a partir dos critérios globais, e as respectivas respostas tabuladas de tal maneira a fornecer subsídios para ações futuras.
3. Questionário de Avaliação Global: instrumento utilizado, durante o processo de avaliação, por uma equipe de consultores externos, indicados pela autoridade nacional, UNICEF e OMS/OPAS. Para receber esta equipe de avaliadores, o hospital deverá ter obtido um resultado final satisfatório na análise do questionário de auto-avaliação.

4. Guia para qualificar a avaliação do hospital: conjunto de orientações para auxiliar a autoridade nacional a determinar, com base nos dados assinalados nas Folhas Resumo pela equipe de avaliadores, se o estabelecimento cumpriu os critérios globais para ser designado Amigo da Criança.

A designação de um hospital como “Amigo da Criança” representa a etapa final de todo um processo de mobilização que envolve, além da equipe de saúde, os diretores e/ou administradores. A divulgação dos “Dez Passos” e a observância das condutas ali indicadas constituem-se instrumentos vitais para promoção, proteção e apoio à amamentação.

Nesse contexto, a continuidade do processo deve ser garantida e efetivada. É de fundamental importância que os hospitais possuam registros formais das normas e rotinas sobre o aleitamento materno existente, do conteúdo dos currículos de treinamento oferecidos aos profissionais da instituição, e ainda das atividades de educação em saúde desenvolvidas no pré-natal.

A existência destes documentos assegura a continuidade da política institucional relativa à proteção do aleitamento materno, mesmo no caso de eventuais mudanças dos profissionais responsáveis por sua implementação.

Com o propósito de oferecer um conjunto de informações básicas sobre a amamentação para equipes de saúde atuantes em maternidades, técnicos do UNICEF, OMS e Wellstart elaboraram um manual com curso de 18 horas para treinamento destes profissionais. (BRASIL, 1993).

4.3 Técnica de Coleta de Dados – Entrevista

A técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista (Roteiro – Apêndice A) que é uma “conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e entrada (pelo entrevistador) em temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo” (MINAYO, 1992, p. 108).

Combinaram-se perguntas abertas e fechadas, dando à entrevistada a possibilidade de discursar sobre o tema proposto, sem respostas ou condições pré-fixadas pela pesquisadora. Por meio desse tipo de entrevista, valorizou-se, ao

mesmo tempo, a presença do pesquisador que questiona determinada temática e a perspectiva da entrevistada que tem a liberdade de contribuir para o desenvolvimento do assunto por meio de sua forma de apreender a realidade em que vive.

As entrevistas foram realizadas no período de três a dez de julho de dois mil e dois, nos três turnos, matutino (7 às 13 horas), vespertino (13 às 19 horas) e noturno (19 às 7 horas), e manuscritas “*ipsi literis*”, por terem as puérperas entrevistadas optado pelo não uso do gravador. Cada entrevista durou trinta e dois minutos.

As entrevistas foram realizadas após a anuência das entrevistadas, por intermédio do termo de consentimento, tendo como base a portaria do Ministério da Saúde 196/96, que aborda como um dos aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos o consentimento livre e esclarecido (Apêndice B).

4.4 População Estudada

A população estudada compõe-se de dezesseis puérperas²⁵ egressas da zona rural (distritos) de Feira de Santana, usuárias dos respectivos hospitais. A quantidade das entrevistadas foi considerada relevante pois a pesquisa qualitativa não se baseia em critério numérico para ter representatividade; portanto, esta quantidade da população possibilitou abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões (MINAYO, 1993, p. 110).

No sentido de melhor caracterizar esta população, ilustrou-se através do Quadro 1, o perfil das puérperas estudadas.

²⁵ Mulheres que pariram (das primeiras horas até 45 dias).

Quadro 2: Perfil das puérperas entrevistadas. Feira de Santana, Julho de 2002.

N ^o 26	Idade	Profissão/ Ocupação	Procedência	Renda	Escolaridade	Grau de paridade ²⁷	Realização Pré-natal ²⁸
01	14 anos	Do lar	Dist. do Limoeiro	Menos 1 salário	1º grau	01	Sim
02	18 anos	Lavradora	Dist. de Maria Quitéria	Menos 1 salário	1º grau	01	Não
03	23 anos	Estudante	Dist. do Limoeiro	1 salário	1º grau	02	Sim
04	20 anos	Lavradora	Dist. de Humildes	1 salário	1º grau	02	Não
05	36 anos	Lavradora	Dist. de Maria Quitéria	1 salário	1º grau	04	Sim
06	20 anos	Lavradora	Dist. de Maria Quitéria	Menos 1 salário	1º grau	03	Sim
07	17 anos	Lavradora	Dist. de Jaguará	1 salário	1º grau	01	Sim
08	30 anos	Lavradora	Dist. de Ipuacu	1 salário	Não alfabetizada	01	Sim
09	26 anos	Lavradora	Dist. de Maria Quitéria	Menos 1 salário	1º grau	03	Não
10	29 anos	Copeira	Dist. de Limoeiro	5 salários	2º grau	01	Sim
11	23 anos	Estudante	Dist. de Humildes	4 salários	2º grau	02	Sim
12	22 anos	Do lar	Dist. de Jaíba	2 salários	1º grau	04	Sim
13	19 anos	Do lar	Dist. de Maria Quitéria	1 salário	Não alfabetizada	02	Sim
14	24 anos	Do lar	Dist. de Maria Quitéria	1 salário	2º grau	03	Sim
15	18 anos	Lavradora	Dist. de Maria Quitéria	2 salários	1º grau	01	Sim
16	21 anos	Lavradora	Dist. de Maria Quitéria	Menos 1 salário	2º grau	01	Sim

Observaram-se oito puérperas procedentes da zona rural dos distritos de Maria Quitéria, três do distrito do Limoeiro, duas de Humildes, uma de Jaguará e uma de Jaíba, pertencentes a Feira de Santana.

A idade média das puérperas foi de 25 anos, variando de 14 a 36, sendo que cinco tinham menos de vinte, dez, variando entre vinte e trinta, e uma com trinta e seis.

²⁶ A identificação das entrevistadas seguiu-se à ordem crescente para cada entrevista realizada.

²⁷ Número de partos realizados.

²⁸ Acompanhamento da gestante durante todos o ciclo gravídico em geral 40 semanas.

A profissão predominante das puérperas era de lavradora (nove); quatro eram trabalhadoras do lar, duas, estudantes e uma, copeira.

Encontraram-se treze puérperas que fizeram pré-natal na última gestação e três que nunca fizeram.

A renda média mensal familiar foi estimada em salários mínimos, girando em torno de meio salário mínimo (cinco puérperas); um salário mínimo (sete puérperas); dois salários mínimos (duas puérperas); quatro salários mínimos (uma puérperas); cinco salários mínimos (uma puérpera).

O grau de paridade variou entre um filho (sete puérperas); dois filhos (quatro puérperas); três filhos (três puérperas) e quatro filhos (duas puérperas).

4.5 Análise dos Dados

Para a análise de dados da pesquisa, utilizou-se o método de Análise de Conteúdo, que buscou compreender a fala das entrevistadas num nível mais aprofundado, ou seja, “aquele que ultrapassa o significado manifesto” (MINAYO, 1994, p. 202) – como também – “o desvendar das ideologias que podem existir nos dispositivos legais, princípios, diretrizes que, a simples vista, não se apresentam com devida clareza” (TRIVIÑOS, 1995, p. 160).

Na análise de dados obedeceu-se às seguintes etapas:

4.5.1 Ordenação dos dados

Esta etapa visa organizar / sistematizar os dados coletados. Para tanto, no primeiro momento, buscou-se a ordenação dos dados por meio da transcrição do conjunto de entrevistas e da releitura do material manuscrito.

De posse deste material, organizou-se pesquisa em um grupo, com os dados coletados nas entrevistas.

4.5.2 Classificação dos dados

Fez-se, inicialmente, uma leitura exaustiva das entrevistas, a fim de buscar um contato intenso com o material e, posteriormente, articulá-lo com o objetivo e o referencial teórico do estudo. Foram recortadas as falas das entrevistadas, por meio da identificação das unidades de registro, que foram conformando os núcleos de sentido.

Com base neste princípio, foram levantados os seguintes núcleos de sentido: conhecimento das puérperas sobre o aleitamento materno e seus benefícios e identificação de suas fontes de conhecimento sobre o assunto (observando-se a Rádio AM).

Estabeleceram-se as categorias empíricas e selecionaram-se, por grupos de entrevistadas, os fragmentos das falas relacionadas de cada puérpera. Esta etapa permitiu a estruturação de esquemas de análise, destacando-se três núcleos temáticos.

1. Conhecimento das puérperas sobre o aleitamento materno.
2. Benefícios do aleitamento materno.
3. Fontes do conhecimento adquirido sobre o aleitamento materno (observando-se o rádio AM).

4.5.3 Análise final de dados

Na análise final dos dados, buscou-se, não só avaliar o conteúdo manifesto no material coletado, como também desvendar o conteúdo latente, na perspectiva de compreender o objeto de estudo num contexto que é dinâmico, transformador e sujeito ao fluxo da história.

Para tanto, estabeleceu-se o confronto entre o referencial teórico e as entrevistas realizadas nos hospitais Geral Clériston Andrade e Inácia Pinto dos Santos do município de Feira de Santana – Bahia.

Os depoimentos das entrevistadas são identificados neste estudo após o final das falas, obedecendo-se à ordem crescente de cada entrevista efetuada (1 a 16). Nos depoimentos das entrevistadas, foi respeitado o modo de falar de cada uma.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados analisados e discutidos são relativos às unidades temáticas a seguir.

5.1 Conhecimento das Puérperas Sobre Aleitamento Materno²⁹

Ao se discutirem os conhecimentos da mulher sobre o aleitamento materno, vê-se que “não tem leite ruim” (ENTREVISTADAS 4, 5).

“Todo leite da própria mãe que se encontra livre de doenças infecto-contagiosas é bom para a criança crescer e se desenvolver saudável” (ENTREVISTADAS 6, 8, 9, 10, 14, 15, 16). “É bom para a criança.” (ENTREVISTADAS 3, 8).

A amamentação dos recém-nascidos humanos tem sido uma característica comum a todas as culturas em todos os tempos, pois a própria sobrevivência tem dependido dela. Por outro lado, outros modos de alimentação infantil – o quê, quando, como e por quem é oferecido – têm diferido de acordo com a época e o lugar. Assim, vários costumes alimentares evoluíram historicamente por tentativa e erro, adequados ao ambiente específico e, freqüentemente, constituindo a melhor opção nutricional esperada.

A amamentação constitui-se, portanto, em “imperativo natural” universal que assegura a sobrevivência e saúde do bebê. No fim do século XIX, todavia, os avanços da ciência, especialmente da bioquímica, conduziram a percepções novas sobre as necessidades nutricionais das populações das regiões que se industrializavam e urbanizavam rapidamente na Europa e Estados Unidos. Os desafios questionavam, então, como alimentar bebês e crianças pequenas com segurança e, concomitantemente, evitar complicações decorrentes da mudança no estilo de vida, valores culturais e papéis sociais das mães e mulheres responsáveis pelos cuidados com as crianças. (LAMOURNIER, 2001).

O trabalho proporciona as bases científicas para elaborar diretrizes sobre alimentação infantil, levando-se em conta alimentos disponíveis e costumes locais. É destinado principalmente a generalistas, obstetras, pediatras, obstetrias, nutricionistas, enfermeiras e profissionais de saúde coletiva. Também interessa ao

²⁹ Transcrição “*ipsi literis*” das entrevistas realizadas.

público em geral que desejar atualizar conhecimentos sobre o assunto. (LAMOURNIER, 2001).

5.2 Benefícios do Aleitamento Materno

Os depoimentos a seguir demonstram claramente a importância do leite materno para o crescimento e desenvolvimento da criança.

“Desenvolve mais rápido.” (ENTREVISTADAS 3 e 15).

“Fica mais sadia a criança. Tem tudo que a criança precisa, protege a saúde, desenvolve mais rápido” (ENTREVISTADA 3).

Amamentar é um fenômeno biológico e social. Biológico por ser capaz de reduzir os índices de morbi-mortalidade infantil entre lactentes.

O leite humano é muito mais do que simples conjunto de nutrientes; pela sua complexidade biológica, é uma substância viva, com atividade protetora e imunomoduladora. Não apenas proporciona proteção contra infecções e alergias, como também estimula o desenvolvimento adequado do sistema imunológico, e a maturação do sistema digestivo e neurológico. (LAMOURNIER, 2001).

Nos primeiros seis meses de vida, o leite materno está naturalmente adaptado para atender às necessidades nutritivas e promover um crescimento e desenvolvimento adequados. Após, deverá ser complementado com outros tipos de alimentos, mantido, se possível, até dois anos de idade, pois, além de uma fonte significativa de energia e nutrientes, é um fator de proteção contra doenças.

Do ponto de vista nutricional, é consenso na literatura (ALMEIDA, 1999) o fato de o leite humano conter nutrientes em quantidade e qualidade necessárias para propiciar um desenvolvimento adequado ao lactente.

“Reduz sangramento do parto na mulher.” (ENTREVISTADA 3).

No que diz respeito aos benefícios do aleitamento materno na mulher, a recuperação pós-parto, associada à diminuição do sangramento e à involução

uterina, assim como a praticidade, são as principais vantagens apresentadas. (ALMEIDA, 1999).

“Evita o câncer; não dá câncer no peito” (ENTREVISTADA 1).

“O leite materno é uma vacina” (ENTREVISTADA 10).

As vantagens imunológicas relativas à amamentação, que constam dos inúmeros trabalhos publicados na última década, podem ser sintetizados em uma única frase: cada mamada é uma vacina. (ALMEIDA, 1999, p. 17).

Apesar de o aleitamento não consistir em um meio de prevenção do câncer, estudos têm demonstrado menos incidência do câncer de mama e do colo uterino entre mulheres que amamentam. (Handy, et al, 1999, citado por Almeida, 1999).

Para uma amamentação bem-sucedida, é preciso fazer uma boa preparação da mãe desde o início da gestação, sendo enfatizados os aspectos nutricionais e as vantagens do aleitamento materno. A mãe deve ser encorajada a amamentar imediatamente após o parto. Esse contato íntimo logo após o nascimento, além de contribuir para o desenvolvimento do vínculo afetivo, também ajuda a adaptação da criança ao meio ambiente, favorecendo a colonização da pele e o trato gastrointestinal por microrganismos maternos, os quais tendem a ser não-patogênicos, e contra os quais o leite materno possui anticorpos. A frequência e a eficiência com que a criança suga o peito são os fatores que determinam o volume de leite produzido em cada mama. Quanto mais o bebê suga, mais leite a mãe produz. Ocorrendo maior sucção numa mama, resultará em maior produção de leite e, portanto, menor na outra mama. Isso explica por que algumas mulheres amamentam com sucesso tendo só uma mama, como, por exemplo, mães que passaram anteriormente por mastectomia unilateral. (ALMEIDA, 1999).

O insucesso na amamentação pode estar ligado à falta de apoio e orientação à mãe, tanto por parte dos profissionais de saúde, como de familiares. Os problemas mais comuns que surgem durante a lactação, como mamas ingurgitadas, mamilos sensíveis, fissuras, ductos obstruídos, mastite, entre outros, podem ser prevenidos através de orientações adequadas desde o período pré-natal. As ações devem ser dirigidas para o preparo das mamas para a lactação, para o ensino da pega correta e mamadas eficientes, para o conhecimento do modo de ordenhar o leite no caso de

ingurgitamento mamário, visando ao esvaziamento das mamas e à prevenção da mastite. Tudo isto para que seja feito um tratamento adequado das intercorrências, visando à manutenção do aleitamento, mesmo em situações de maior dificuldade. (ALMEIDA, 1999).

Para a amamentação bem-sucedida, devem ser eliminados, na medida do possível, fatores que diminuam a duração, eficiência e frequência da sucção pelo lactente. Estes fatores incluem a limitação do tempo de mamada, horários fixos, posicionamento incorreto, uso de objetos orais (bicos, chupetas), fornecimento de líquidos como águas, chás, soluções açucaradas, outros leites. O leite humano é considerado alimento perfeito para o lactente até o sexto mês de vida, podendo ser utilizado de maneira exclusiva, não precisando de complementos. (ALMEIDA, 1999).

5.3 Fontes de Conhecimento Adquirido Sobre o Aleitamento Materno

5.3.1 Um novo olhar para a promoção do aleitamento materno – o rádio AM.

Segundo Almeida (1999, p. 21), “Uma boa forma de iniciar a reflexão sobre a questão consiste em buscar informações que enriqueçam a problematização da temática. Ao se utilizarem com este propósito, chega a ser surpreendente o número de *sites*, *homepages*, *links* e outros dispositivos contendo as mais variadas possibilidades de acesso ao conhecimento sobre a amamentação – todas, muito novas para uns, e tão comuns e usuais para aqueles que já se habituaram a navegar nesse mar de informações de um mundo cada vez mais veloz e mais globalizado”.

“Nos *sites*, são abordadas questões de economia, política, ciências, religião, cultura e generalidades que perpassam pela amamentação, cuja abordagem é feita de múltiplas formas.

Na rede de computadores, há trabalhos científicos com vantagens inigualáveis sobre a amamentação (...) bem como relatórios oficiais das agências do governo que dividem espaços com documentos elaborados por diferentes organizações não governamentais” (ALMEIDA, 1999, p. 21)

Dados sobre a amamentação se fazem cada vez mais presentes na internet, multiplicando informações a uma velocidade surpreendente. O mais espantoso, porém, não é a velocidade de multiplicação, e sim a forma como ela vem se processando progressivamente. A amamentação vem sendo apresentada nos *hipertextos* como uma categoria capaz de delimitar e envolver ao mesmo tempo ciência, política, economia, direito, religião e ficção. Com isso, a amamentação, cada vez mais, assume contornos que nos permitem categorizá-la como uma experiência disposta pelas leis naturais que regem os fenômenos biológicos, quanto nas intencionalidades dos atores e grupos sociais que originam os fatos sociais” (ALMEIDA, 1999, p. 22).

“Aprendi falar sobre amamentação no pré-natal.” (ENTREVISTADAS 2, 3, 5, 13, 14, 15 e 16).

Segundo Ventura, “o pré-natal é o momento que melhor se apresenta para a abordagem adequada ao incentivo ao aleitamento materno. Oferece, sem dúvida, o período de maior contato entre a população feminina, os profissionais e a instituição. Geralmente, tem lugar na sala de espera, mas pode, também, se desenvolver em local próprio que, em algumas unidades, é chamado de sala de amamentação, sala de gestante, clínica de aleitamento... e se realiza em horários previamente agendados”.

Será que o rádio não poderia contribuir de maneira eficaz para informar as mulheres sobre a importância do aleitamento materno, sem que elas gastassem muito do seu tempo deslocando-se para adquirir informações e orientações a esse respeito durante seu pré-natal?

Acessível a todos, independente da classe social, o rádio, por intermédio de programas objetivos e de fácil compreensão, poderia fazer retornar um hábito natural de alimentação – a amamentação ao seio – quase em fase de desaparecimento.

No entanto, ninguém parece estar preocupado com o rádio como meio para divulgar a prática do aleitamento materno.

“Ao estimular a construção individual do conhecimento, a proposta radiofônica educativa é desmassificadora, desmistificadora; ancora-se na realidade, proporcionando elemento para compreendê-la e superá-la” (LITWIM, 1997).

A proposta educativa radiofônica é um projeto educacional amplo com bases teóricas e éticas.

O rádio possui grandes possibilidades que aguardam seu desenvolvimento e operacionalização efetiva. (Rádio e Cultura no Brasil, 1985, p. 71).

“Já ouvi falar no rádio.” (ENTREVISTADA 4).

“Deu no rádio.” (ENTREVISTADA 5).

“Falou no programa de rádio.” (ENTREVISTADA 9).

“Escutei no rádio uma vez.” (ENTREVISTADA 11).

Durante as entrevistas, doze mulheres referiram em suas falas que “nunca ouviram falar no rádio sobre aleitamento” (ENTREVISTADAS 1, 2, 3, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 15 e 17).

A entrevistada de número 10 citou ter tido acesso à informação sobre o aleitamento materno por outras fontes:

“Lendo, no Banco de Leite Humano no Hospital Inácia Pinto dos Santos, e vendo o Programa Canal Aberto da TV Subaé de Feira de Santana”.

A eficácia do papel do Banco de Leite no cenário das políticas públicas em favor de amamentação, de certa forma, pode ser evidenciada pela história da criação dos Hospitais Amigos da Criança no Brasil. Cabe lembrar que a maioria das instituições hospitalares que cumpriram os dez passos para o sucesso da amamentação e, portanto, tornaram-se “Amigos da Criança”, dispunham de um trabalho de bancos de leite humano.

No entanto, segundo afirmação de Teruya e Serva (2001, p. 113), é importante salientar que informações oferecidas sob forma de folhetos ou panfletos, sozinhos, não têm estatística significativa quanto à decisão da mulher amamentar.

Voltando a falar do rádio, este mostrou-se como o meio eficaz de elucidação de dúvidas, desmistificação sobre questões que giram em torno do aleitamento materno, podendo tornar-se um espaço onde grupos sociais, interessados em qualificar o leite humano, divulguem suas vantagens fundamentadas em verdades com base científica, estimulando a mulher a continuar a amamentar.

Reconhecidamente um meio de comunicação eficiente, de alcance imediato, limitado apenas pela potência da emissora, o rádio deixa de ser pessoal, passando a ser compartilhado e, conseqüentemente, comentado pelo grupo familiar.

Ao transmitir informações, o rádio integra o processo sócio-cultural de desenvolvimento, atingindo significativa parte da população do planeta, mostrando, assim, que educa.

Devido à facilidade de acesso, ao alto nível de cobertura e à sua flexibilidade, o rádio oferece grandes possibilidades para a educação a distância, ao desenvolver programas de educação formal e informal.

O ensino pelo rádio, desenvolvendo conteúdos de nível primário e capacitação de docentes, é muito bom, e tem sido utilizado na educação informal, em campanhas de prevenção de Saúde Coletiva, Alfabetização e Programas Sociais, estimulando a integração nacional.

Por sua diversidade e baixo custo, o rádio é o meio utilizado freqüentemente nos projetos de desenvolvimento social. (CITELLI, 1999).

Para que os textos radiofônicos cheguem aos ouvintes, é necessário utilizar várias técnicas de criação de programas.

Na educação pelo rádio, consideramos três pontos básicos:

- Audições gravadas

Previamente à emissão, é a estratégia mais usada por peritos (transposição de aulas e conferência). Permite qualidade na gravação, visto que a mesma pode ser feita várias vezes, até se conseguir a apresentação e qualidade adequadas. Geralmente, transmitem grandes quantidades de informações bem estruturadas. O emissor dirige-se a um ouvinte distante, heterogêneo e anônimo (mesmo em audiência cativa como nos cursos a distância). O ouvinte não tem como expor suas dúvidas ou fazer comentários. Tais audições gravadas são bem utilizadas pelo público escolarizado com o conhecimento prévio do tema.

A utilização de rádio-novela, no desenvolvimento de conteúdos para a educação, e a apresentação de problemáticas sociais, econômicas e políticas permite ao ouvinte identificar-se com as personagens e as situações, fazendo-o elaborar respostas individuais e coletivas.

- Leitura de roteiros

Compartilha as características da gravação; a diferença é que esta se realiza simultaneamente com a ida ao ar, dando naturalidade e espontaneidade à

emissão; oferece a oportunidade de retroalimentação e de monitorar a audição, incluindo a participação do ouvinte e o diálogo com especialistas e produtores.

- Guias

Facilitam o desenvolvimento da emissão dentro das pautas programadas; proporcionam mais liberdade ao especialista para desenvolver conteúdos e incorporar elementos da atualidade, contando com a participação direta do público.

6 UTILIZAÇÃO DO RÁDIO AM COMO MEIO DE EDUCAÇÃO

De acordo com Scheimberg (1997), a elaboração da mensagem radiofônica desenvolve-se dentro da ampla margem dada pelas possibilidades e pelos limites do meio. Tecnologia, conteúdos, objetivos, linguagens, teoria de ensino e de aprendizagem, teoria da comunicação e da literatura colaboram em diferentes níveis na construção da proposta educativa por rádio, enquadrando e canalizando a produção de emissores e receptores.

Os diferentes aspectos que compõem a proposta radiofônica educativa adquirem características específicas. Vemos aqui um exemplo relacionado com a linguagem: o discurso radiofônico evita os parágrafos longos, as orações complexas, os academicismos e o uso de vocabulário muito especializado. Prefere frases curtas e ordenadas, orações diretas, evita a voz passiva, usa termos e perífrases da linguagem cotidiana. Isto não significa baixar o nível dos conteúdos da língua nem seu empobrecimento, senão que é necessário utilizar uma construção do discurso e uma linguagem que possibilitem e facilitem a compreensão da mensagem que se deseja transmitir. A linearidade, o caráter temporal e efêmero exigem um tratamento adequado. (SCHEIMBERG, 1997).

A característica do meio impõe seus limites e possibilidades. Atendê-los e aprender a utilizá-los a favor de uma melhor comunicação é uma das tarefas que se apresentam ao educador-comunicador radiofônico.

O nível de capacidade de compreensão do ouvinte anônimo e heterogêneo constitui um pressuposto não definido usado como argumento para fundamentar usos do meio em confronto com uma proposta educativa crítica.

Os participantes do movimento francês de maio de 1968 difundiram *slogans* alertando para o caráter manipulador do rádio: A intoxicação chega a domicílio.

Não se trata de desdenhar os avanços que a tecnologia põe à nossa disposição, mas de aprender a utilizá-los, e de fazê-lo com uma atitude crítica.

O conhecimento de suas características permite desenvolver estratégias para prevenir contra o mau uso, ao mesmo tempo que desdobrar suas possibilidades em prol de uma educação para a autonomia e para o crescimento.

O caráter efêmero da mensagem radiofônica, a tendência ao desvio de atenção e à possibilidade de mover o dial, mudando de emissora a qualquer momento, exigem o desenvolvimento de certas estratégias, como a captação da atenção do ouvinte

por intermédio do tratamento de temas relacionados com sua vida cotidiana, com seus interesses e necessidades relevantes e também com suas ilusões e esperanças. Já no começo do programa se apresenta o que será o centro de interesses (o conflito, o problema relacionado com a política, economia, saúde, etc.) do que se tratará e de que pessoas participarão. Se a música ocupa um lugar importante, adiantam-se especificações.

Parte-se de situações vitais, da vida cotidiana. Depois irão se desenvolvendo os conteúdos dos temas, com um discurso abalizado e retomando continuamente os pontos centrais.

Ao contrário do tratamento radiofônico usual, a redundância numa audição educativa não será uma simples reiteração. Retomam-se e se reelaboram os conceitos por meio da busca e da apresentação de comparações e analogias, encontram-se semelhanças e se estabelecem as diferenças ao apresentar novas visões sobre o mesmo tema, dando elementos para que o ouvinte possa realizar sua própria reelaboração e conseguir uma compreensão cada vez mais profunda e abrangente do tema, que lhe permita desenvolver uma atitude reflexiva e crítica, portanto autônoma.

A utilização da dimensão imaginativa de forma explícita, que dá em todo momento ao ouvinte os elementos que permitem reconhecer e se reconhecer dentro do contexto real em que se está dando a comunicação, é parte integral da retórica radiofônica educativa.

O respeito pelo ouvinte, dado também pela criação de um âmbito de boa educação e cordialidade que favorece a reflexão, o tratamento racional dos temas e a análise da realidade; tudo se relaciona com a apresentação dos conteúdos de modo que permitam uma maior e melhor compreensão do mundo no qual está inserido, para que elabore sua própria postura e seu próprio caminho.

O tratamento de temas significativos para o ouvinte, a apresentação do conteúdo em diferentes níveis, desde perspectivas diferentes e de modos diversos, a consideração pelos interesses e pelas necessidades do ouvinte e suas várias formas de aproximação aos conteúdos; o propósito de estimular e facilitar a compreensão, a reelaboração e a recriação da cultura acumulada numa aprendizagem para a apropriação e o incremento da capacidade de resignificação e criação autônoma num contexto solidário de ação participativa, fundamentam-se nos suportes da

psicologia cognitiva (Vygotsky, Piaget, Ausubel, Bruner, Gardner, entre outros) e da corrente crítica (Escola de Frankfurt, Apple, Giroux e outros).

A proposta educativa radiofônica é parte de um projeto educacional amplo, baseia-se numa postura teórica e ética.

O rádio oferece imensas possibilidades que esperam seu desenvolvimento.

É necessário fomentar a formação de laboratórios para a criação de propostas alternativas e de equipes de pesquisas e avaliação, que proporcionem elementos para o desenvolvimento teórico do campo. (SCHEIMBERG, 1997).

Propõe-se um programa de rádio, onde as organizações comunitárias devem propiciar espaço às suas lideranças para se manifestarem sobre o assunto aleitamento materno, trazendo gravadas suas reuniões sobre o tema e algumas reflexões. Deverão procurar mostrar ao público formas de viver que possivelmente emergirão. Será um trabalho de parceria com o saber popular, que se fortalecerá neste processo, por meio das contribuições dos ouvintes.

Nesta perspectiva, o programa deverá usar uma linguagem simples, estilo alegre, descontraído, objetivo e direto.

Para não ter um programa maçante, a sua seqüência será fragmentada, com mudança de vozes, brincadeiras e alternância de sessões. Uma opção fundamental é fazer um programa em tom pessoal, que será escrito e gravado um dia antes de ir ao ar, com ajuda de um técnico de som.

O programa receberá cartas que terão suas respostas voltadas para a ampliação das questões colocadas, de modo a tocar as suas dimensões mais básicas.

Como exemplo, cita-se *“ipsi literis”* o Horóscopo da Saúde, descrito por Vasconcelos (1987, p. 85), em relato de experiência na cidade de Pilõezinhos, Paraíba, onde o sanitarista tinha um programa de rádio.

“Houve época em que a região foi tomada pela onda de cartomantes e astrólogos. Alguns tinham até programa na rádio. Iniciamos, então, o nosso horóscopo da saúde, em que, a cada semana, eram dadas as orientações “astrais” para a saúde de uma determinada faixa etária. Houve o horóscopo da criança de um mês, de dois a quatro meses, de quatro a sete anos, da gestante, da adolescente, do pai etc. Neste horóscopo, colocávamos as orientações de saúde básicas para cada idade, de maneira professoral e em tom de suspense, tentando imitar o estilo dos astrólogos. Foi um sucesso! No início, fizemos horóscopo da saúde, apenas como uma brincadeira ou gozação. Depois, vimos que tinha dado certo e mantivemos a seção. Para exemplificar, aqui segue o horóscopo da saúde da criança de dois meses de idade. É claro que o exemplo está muito prejudicado porque a escrita não transmite o tom de voz, nem a música de fundo. Mas dá para

imaginá-los. É só pensar em vozes pomposas, solenes, pausadas e com ênfase fortes nos trechos mais importantes.

Dr. Saúde:

Hoje vamos falar o horóscopo da criança com dois meses de nascida.

Dr^a. Saúde:

Crianças de 60 dias até 90 dias de nascida, você deve continuar alimentando do melhor leite do mundo, que é o leite da mamãe.

Dr. Saúde:

Se sua mãe está querendo parar de amamentar, não aceite. Grite! Esperneie! Tranque a boca e não aceite mamadeira. Você sabe que criança que não amamenta tem muito mais chance de ficar doente e virar anjinho.

Dr^a. Saúde:

Você que não permitiu sua mãe secar o peito, aproveite. Chupe bastante, porque quanto mais você chupar, mais leite sua mãe produz. Aproveite a liberdade de mamar o quanto você quiser. Nem a sua mãe, nem o seu doutor podem controlar a quantidade de leite que você está mamando. Isto é um segredo só seu.

Dr. Saúde:

E aproveite bem o carinho de dormir agarradinho com sua mãe, chupando o seu peitinho. Tempo bom como este, não volta mais não...

Dr^a. Saúde:

Agora você, nenê de dois meses de idade, que deixou escapular o leite do peito da sua mãe: tome cuidado!!! Você corre o perigo de cair na mão de três inimigos: o mingau, o leite aguado e a mamadeira preparada sem higiene.

Dr. Saúde:

Aprenda desde já a defender os seus direitos de criança de dois meses! Na hora de sua mãe preparar a mamadeira, fique de olho aberto. Veja se ela prepara com cuidado e higiene. Veja se ela coloca a quantidade certa de leite em pó. Fique contando: são três medidas de leite em pó para cada 100 gramas de água.

Quer que eu repita? São três...

Dr^a. Saúde:

Se sua mãe estiver dando leite de vaca ou leite de cabra, então é para colocar duas partes de leite e uma parte de água na mamadeira. Entendeu bem? Fique esperto, menino!

Dr. Saúde:

Você, nenê de dois meses de nascido, que cochilou e deixou o leite do peito de sua mãe secar, você corre o risco de ter que tomar, como castigo, a quantidade de leite que a sua mãe ou o seu doutor querem que você tome.

Dr^a. Saúde:

Exija seus direitos. É sempre tempo de acertar. Não cochile novamente, chore o tanto necessário para lhe darem mais leite. Não conforme com a chupeta. Chore bem alto, até o patrão do seu pai escutar e resolver pagar um salário maior, para que ele possa comprar mais leite.

Dr. Saúde:

Lembre-se: chupeta ou consolo, além de ser um “engana nenê”, é também danado para ficar levando micróbios, para a sua boquinha.”

Impressiona a penetração do rádio no cotidiano da vida das mulheres e famílias rurais e das periferias das cidades.

Espera-se conseguir um espaço na programação da Rádio Sociedade de Feira de Santana, ou da Rádio que venha a surgir, a partir desta e de outras idéias na Universidade Estadual de Feira de Santana, onde os docentes dos os grupos

materno-infantil e saúde pública atuam podendo-se, assim, fazer chegar o estímulo ao Aleitamento Materno a populações até então não atingidas.

O rádio tornará os profissionais mais conhecidos e o Programa de Aleitamento Materno mais divulgado, facilitando a penetração nos grupos e nas famílias.

7 CONCLUSÃO E SUGESTÕES PARA FUTUROS TRABALHOS

7.1 Conclusão

A prática do aleitamento, que combate a morbimortalidade gerada em sua ausência, tem sido substituída pelo uso de leite industrializado, particularmente na zona rural.

Na luta pela valorização desta prática, os profissionais, particularmente das áreas materno-infantil e saúde pública, deverão atentar para a forma de divulgação e educação em saúde por meio do rádio. Como um espaço de socialização de saberes, de troca de conhecimento e reflexões, acreditando na grande possibilidade de fazer do mesmo uma porta ampla de comunicação com a comunidade.

Durante o citado estudo, os dados evidenciaram que a população feminina da zona rural possui muito pouco conhecimento sobre o aleitamento materno e seus benefícios, e difícil acesso aos serviços de saúde e fontes de informação sobre esta temática, bem como não dispõe de outros meios de comunicação ou tecnologia mais sofisticada.

O acesso a informações sobre o aleitamento materno tem sido efetivado nos Bancos de Leite Humano e maternidades dos dois hospitais onde realizou-se o estudo, já no momento do parto. Os dois espaços são muito importantes na divulgação de tal temática, porém, de pouco acesso às comunidades rurais, procurados só no momento do parto, caso este seja hospitalar.

Assim, mostra-se extremamente necessária a utilização do rádio como o principal meio de propagar o aleitamento e diminuir os índices de prejuízos advindos da ausência do mesmo.

7.2 Sugestões para Trabalhos Futuros

A proposta deste projeto desenvolvido é a implantação de um programa de rádio, duas vezes por semana, com duração de três minutos, em uma rádio AM da cidade de Feira de Santana, de preferência a Rádio Sociedade de Feira, pertencente aos

frades capuchinhos, no ar há cinqüenta e quatro anos³⁰, e de grande credibilidade na região, uma vez que já tem experiências com programas de cunho social.

Os problemas seriam colocados pela população, a partir de sua realidade e necessidade, de maneira simplificada e clara.

Em cada problema, dúvida, procurar-se-ia discutir também outros aspectos como: suas causas, sua importância, sua dimensão social e psicológica, não uma ampliação qualquer, um florear, curiosidades culturais sobre o problema colocado.

Haveria uma diretriz para se buscar a solução de cada problema enfocado, levando-se em conta que as dificuldades enfrentadas pelas mulheres rurais, em especial, quanto à sua saúde, são decorrentes da má organização da sociedade. O rádio contribuiria, com tais programas, para levar essas mulheres a compreenderem melhor seus problemas e a lutar para superação deles.

O momento de elaborar o programa seria, antes de tudo, um momento de pesquisa e estudo e isto refletiria, inclusive, na melhoria de qualidade da atuação desta docente.

Nos programas, não se procuraria ouvir opiniões de pessoas que quisessem passar lições de moral às mulheres, sem compreender sua realidade, como se fossem elas as grandes culpadas da situação. Tais opiniões já possuem muitos outros canais de divulgação.

³⁰ Jornal Tribuna Feirense, Feira de Santana, 7 de setembro de 2002, p. 2.

8 REFERÊNCIAS

ALMANAQUE ABRIL. Rádio. São Paulo: Abril, 1997, CD-ROM, Windows 95.

ALMEIDA, João Aprígio Guerra de. **Amamentação:** um híbrido natureza-cultura, 2 ed. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 1999.

ASSIS, M. M. A. **Municipalização da Saúde:** intenção ou realidade? Análise de uma experiência concreta. Feira de Santana / BA: UEFS, 1998.

AUGRAS, Monique. A técnica de formação de opinião pública. In: _____. **Opinião pública teoria e pesquisa.** Petrópolis: Vozes, 1970.

Bahia. Rádio brasileira comemora 80 anos. **A Tarde.** Salvador, 7 de setembro / 2002, p. 14.

BERELSON, Bernard. La comunicacion de colectiva y la opinion publica. In: SCHRMAMM, Wilbur. **Proceso y efectos de la comunicacion coletiva.** Quito: CIESPAL, 1964.

CADERNOS INTERCOM. Rádio e Cultura no Brasil, São Paulo: Cortez, n. 8, 1985.

CITELLI, Adilson. **Outras linguagens na escola.** São Paulo: Cortez, 2000.

COHN, Gabriel. In: VIEIRA, Isabel. Rádio – ele nunca esteve tão vivo. **Singular & plural.** n. 05, abril 1979, p. 62.

COMO AJUDAR AS MÃES A AMAMENTAR. Brasília, DF: MS / INAN / PNIAM, 1994.

COSTA, N. S. S. **O acesso da usuária aos serviços e suas ações de saúde na detecção precoce do câncer de mama:** uma abordagem em defesa da vida. 2001,

129 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana / BA.

COSTELLA, Antonio. **Comunicação – do grito ao satélite**. São Paulo: Mantiqueira, 1978.

Cultura transmite com laser. FOLHA DE SÃO PAULO, 29 de fevereiro de 1984.

CUNHA, Isabel Cristina Kowal Olm. Gente cuidando de gente: a arte do cuidar pelas ondas do rádio. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 53, n. 3, p. 431-434, jul./set., 2000.

DACHIM, Nicolas. **O rádio é uma invenção produto do trabalho de um homem só?**. Revista Antena. Disponível em: <<http://www.rlandell.tripod.com/antena.htm>>. Acesso em: 28/09/2001.

E atenção: acabou o Repórter Esso. REVISTA VEJA. São Paulo, 08 de janeiro de 1969, p. 57.

FREDERICO, Maria Elvira B. **História da comunicação – rádio e TV no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.

GALLO, Paulo Rogério. Radiodifusão comunitária: um recurso a ser valorizado no âmbito da educação em saúde. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 59, set./dez., 2001.

GOLDENBERG, Paulette. **Repesando a desnutrição como questão social**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GOLDFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

KAPLUN, Mario. **Produccion de programas de rádio**. Quito: CIESPAL, 1978.

LA MOURNIER, José Alves. A iniciativa Hospital Amigo da Criança. In: REGO, José Dias. **Aleitamento materno**. São Paulo: Atheneu, 2001.

LITWIN, Edith (Org.). **Tecnologia educacional política, história e propostas**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.

LOPES, Saint-Clair. **Comunicação – radifusão hoje**. Rio de Janeiro: Temário, 1970.

MADRID, André Casquel. **Aspecto da telerádiodifusão brasileira**. 1972. Tese (Doutoramento) – ECA / USP, São Paulo.

MANEJO E PROMOÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO. Brasília, DF. OMS / OPAS / UNICEF, 1993.

MELO, Marisa Leal Correia. **As políticas de capacitação de recursos humanos da Secretaria Municipal de Saúde de Feira de Santana / BA**, 1999, 144f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Departamento de Saúde. Universidade Estadual de Feira de Santana.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC / ABRASCO, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, teoria e arte: o desafio de pesquisa social. In: _____. **Pesquisa social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MINAYO. M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementariedade. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, jul/set, 1993.

MOTTA, Luiz Gonzaga. O rádio no Brasil: alienação ou consciência científica. **Cadernos de Comunicação ABEPEC**, João Pessoa, PB, v. 1, n. 2, 1979.

NASCIMENTO, Maria Ângela Alves do. **As práticas populares de cura no povoado de Matinha dos Pretos / BA: eliminar, reduzir ou convalidar?**. 1997. 353f. Tese (Doutorado em Enfermagem Social). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

NÓBREGA, Fernando José de. A importância nutricional do leite materno. In: REGO, José Dias. **Aleitamento materno**. São Paulo: Atheneu, 2001.

O rádio continua na onda. REVISTA VISÃO. São Paulo, 22 de março de 1976, pp. 78-79.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Genebra. Alimentação infantil. Bases fisiológicas. São Paulo: IBFAN Brasil / Instituto de Saúde, 1994.

ORTRIWANO, Gisela Swertlana. **A informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

PROGRAMA DE ALEITAMENTO MATERNO – PROAMA. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba. Mama preparada mamada assegurada. Curitiba, PR: Campagnat, 1992.

PROTEÇÃO, PROMOÇÃO E APOIO AO ALEITAMENTO MATERNO. O papel especial dos serviços materno-infantil. Brasília, DF: MS / INAN / PNIAM, 1989.

PYE, Luciem W. Comunicação, formação de instituição, o alcance da autoridade. In: LERNER, Daniel; SCHRMMAMM, Wilbur. **Comunicação e mudanças nos países em desenvolvimento**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

Rádios livres querem legalização. FOLHA DE SÃO PAULO, 04 de abril de 1984.

REGO, José Dias. **Aleitamento materno**. São Paulo: Atheneu, 2001.

SANTOS, Maria Salette Tauk. **A ideologia do comunicar da rádio rural**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, 1982.

SCHEIMBERG, Martha. Educação e comunicação: o rádio e a rádio educativa. In: LITWIN, Edith. **Tecnologia educacional política, história e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SILVA, Socaia Zhouri; VASCONCELOS, Adriana Carvalho de. A lactação. In: BEDRAM, José Narciso. **O uso de drogas na gravidez e na lactação**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988, p. 14-23.

TÁVOLA, Artur da. Um veículo forte a espera de programas criativos. In: **Cadernos de jornalismo**. 2. ed. Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre, n. 01, S/D, p. 12.

TERUYA, Keiko; SERVA, Vilneide Braga. Manejo de lactação. In: REGO, José Dias. **Aleitamento materno**. São Paulo: Atheneu, 2001.

THOMSON, Zuleika. Problemas precoces e tardios das mamas: prevenção, diagnóstico e tratamento. In: REGO, José Dias. **Aleitamento materno**. São Paulo: Atheneu, 2001.

TRIVIÑOS. A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995.

VAMOS PROTEGER A SAÚDE DE NOSSAS CRIANÇAS? Manual para explicar ao pessoal de saúde o Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite Materno. São Paulo: IBFAN Brasil, 1988.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. **A medicina e o pobre**. São Paulo: Paulinas, 1987.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. **Educação popular nos serviços de saúde**. São Paulo: HUCITEC, 1989.

APÊNDICES

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA A PUÉRPERAS

() **Hospital Geral Clériston Andrade**

() **Hospital Inácia Pinto**

1. Dados de identificação da entrevistada:

Iniciais:

Idade:

Profissão / Ocupação:

Renda mensal familiar:

Procedência:

Grau de escolaridade:

Grau de paridade:

Fez pré-natal:

Convênio:

2. Qual o seu conhecimento sobre aleitamento materno?

3. Quais são seus benefícios?

4. Onde esses conhecimentos foram adquiridos?

5. Já ouviu alguma informação sobre isso em rádio? Quais outras fontes de informações que você teve?

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar voluntariamente da pesquisa intitulada “O rádio AM como meio de educação para o aleitamento materno”, de autoria da mestranda Regina Elisabeth Araujo Goes de Medeiros, que tem como objetivo contribuir para o conhecimento e gerenciamento de tecnologias em aleitamento materno. Os conhecimentos serão aplicados com o objetivo de melhorar o trabalho da Enfermeira e a qualidade da assistência ao binômio mãe e filho. Tenho conhecimento que na pesquisa poderá haver riscos e possíveis benefícios. Foram feitos os devidos esclarecimentos acerca da justificativa, objetivos e procedimentos metodológicos (questionário com respostas abertas e fechadas). Tenho também a garantia de esclarecimento, durante o curso da pesquisa, havendo a possibilidade de recuar ou retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao meu cuidado. Estou ciente que será garantido sigilo que assegure a minha privacidade nos dados confidenciais relatados por mim no questionário respondido. Desta forma, acredito estar contribuindo para o avanço do conhecimento técnico-científico da Área de Enfermagem, em especial, em o uso de tecnologias na educação para o aleitamento materno.

Feira de Santana, _____ de _____ de 2002.

Sujeito da pesquisa

Regina Elisabeth Araujo Goes de Medeiros
Pesquisadora

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

AUTORIZADA PELO DECRETO FEDERAL N.º 77.496 DE 27-4-1976

Reconhecida pela Portaria Ministerial n.º 874/86 de 19.12.86

Feira de Santana, 03 de julho de 2002.

Ofício N° 38/2002

Ilm° Sr.

Dr. Heraldo Alves Miranda

Diretor Hospital Geral Clériston Andrade

Prezado Senhor,

Apresentamos a Vossa Senhoria a professora Regina Elisabeth Araujo Goes de Medeiros, mestranda do Curso de Mestrado em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina em convênio com a Universidade Estadual de Feira de Santana, autora do projeto de dissertação “O rádio AM como meio de educação para o aleitamento materno”.

Solicitamos a Vossa colaboração no sentido de autorizar a coleta de dados da referida professora nesta instituição.

Atenciosamente,

Profª Dr.ª Maria Lúcia Silva Servo

Diretora do Departamento de Saúde

APÊNDICE D



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

AUTORIZADA PELO DECRETO FEDERAL N.º 77.496 DE 27-4-1976

Reconhecida pela Portaria Ministerial n.º 874/86 de 19.12.86

Feira de Santana, 03 de julho de 2002.

Ofício N° 38/2002

Ilm° Sr.

Dr. Luiz Carlos Seixas

Diretor Hospital Inácia Pinto dos Santos – Hospital da Mulher

Prezado Senhor,

Apresentamos a Vossa Senhoria a professora Regina Elisabeth Araujo Goes de Medeiros, mestranda do Curso de Mestrado em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina em convênio com a Universidade Estadual de Feira de Santana, autora do projeto de dissertação “O rádio AM como meio de educação para o aleitamento materno”.

Solicitamos a Vossa colaboração no sentido de autorizar a coleta de dados da referida professora nesta instituição.

Atenciosamente,

Profª Dr.ª Maria Lúcia Silva Servo

Diretora do Departamento de Saúde